



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS  
DE LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

**GIVANILDO DA SILVA SOARES**

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA  
(L2) PARA SURDOS DE ESCOLA PÚBLICA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL I EM BAYEUX - PB**

João Pessoa  
SETEMBRO, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS  
DE LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

GIVANILDO DA SILVA SOARES

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA  
(L2) PARA SURDOS DE ESCOLA PÚBLICA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL I EM BAYEUX - PB**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

**Orientadora: Me. Marie Gorett Dantas de  
A. e M. Batista**

João Pessoa  
SETEMBRO, 2019

S676e Soares, Givanildo da Silva.

Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua (L2) para surdos de escola pública no ensino fundamental I em Bayeux - PB / Givanildo da Silva Soares. - João Pessoa, 2019.

70 f. : il.

Orientação: Marie Gorett Batista.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. LIBRAS. 2. Ensino de L2. 3. Aluno Surdo.  
4. Sala regular. I. Batista, Marie Gorett. II. Título.

UFPB/CCHLA

GIVANILDO DA SILVA SOARES

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 (SEGUNDA LÍNGUA)  
PARA SURDOS DA ESCOLA PÚBLICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I EM  
BAYEUX - PB**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Me. Marie Gorett Dantas de Assis e Medeiros Batista  
Orientadora

---

Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes  
Examinador

---

Profa. Dr. Wilma Martins de Mendonça  
Examinadora

---

Profa. Esp. Isolda Ayres Viana  
Examinadora

João Pessoa  
SETEMBRO, 2019

A você, Mãe: por mais que eu tente externar todo o meu amor por você, mesmo sabendo que não chegará até a ti, sei que dessa forma é a maneira que encontrei para aliviar a dor da Saudade. Sempre serás o meu Amor Maior.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe por todo incentivo. Sempre serás o meu Anjo.

A Isac, meu grande amor, por sempre me apoiar desde que entrou em minha vida.

À professora Me. Marie Gorett Dantas por toda dedicação ao me ajudar na construção dessa monografia. Além de uma grande professora, sobretudo, uma bela pessoa.

Também agradeço à professora Wilma Martins de Mendonça, à professora Isolda Ayres Viana Ramos e ao professor João Paulo da Silva Fernandes por terem aceitado o convite para participar da minha defesa.

E, por fim, ao corpo docente escolar que me ajudou na realização dessa pesquisa .

## **RESUMO**

Esta monografia, intitulada Ensino de língua portuguesa como L2 (segunda língua) para surdos de escola pública no ensino fundamental I em Bayeux - PB, tem como objetivo geral observar como ocorre o ensino da língua portuguesa como L2 para alunos surdos na modalidade escrita. Ensinar uma segunda língua nem sempre é uma tarefa fácil e, principalmente, quando o sujeito é surdo inserido na cultura da língua de sinais própria desse sujeito, no caso do surdo brasileiro, inserido na Língua Brasileira de Sinais. Como aporte teórico para a produção deste texto, nos baseamos em autores como Salles (2004), Ströbel (2007), Silva e Souza (2010), Sofiato e Reily (2012), Quadros (1997, 2006, 2012), Del Ré (2006), Perlin (1998) e Cavalcanti (2011). As análises foram aplicadas à professora da sala regular, à professora da sala de recursos, à intérprete da língua de sinais e, principalmente, ao surdo que é o principal sujeito dessas ações. Os questionários foram fundamentais para percebermos como era transmitido o ensino de L2 para o aluno surdo da escola observada. Assim, foram discutidos os principais pontos do ensino de português como segunda língua para o surdo em termos de qualidade, e um deles foi o uso dos recursos visuais para aprimoramento do aprendizado do sujeito surdo desta pesquisa. Outro ponto foi a parceria que esse aluno surdo tinha por parte das pessoas que o rodeiam, ou seja, a professora da sala regular, a professora da sala de recursos, a intérprete da língua de sinais e, essencialmente, a família.

**Palavras-chave:** LIBRAS, Ensino de L2, Aluno surdo, Sala regular.

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis, entitled portuguese Language Teaching as L2 (Second Language) for deaf public elementary school students in Bayeux - PB, aims to observe how the teaching of Portuguese as L2 occurs to deaf students in written mode. Teaching a second language is not always na easy task, mainly, when it is about teaching deafs that are already inserted in their deaf culture, in the point, brazilian deafs that are inserted in the Brazilian Sign Language. As a theoretical support for the production of this undergraduate thesis, it was based on authors such as Salles (2004), Ströbel (2007), Silva and Souza (2010), Sofiato and Reily (2012), Quadros (1997, 2006, 2012), Del Ré (2006), Perlin (1998) and Cavalcanti (2011). The analysis were applied to the regular classroom teacher, the resource room, the Brazilian Sign Language interpreter and, mainly, the deaf who is the central subject of these actions. The questionnaires were fundamental to understand how the teaching of L2 was transmitted to deaf student of the monitored school. In this way, the main points in terms of quality of teaching Portuguese as a second language for the deaf were discussed, and one of these points was the use of visual aids to improve the learning of the deaf people of this research. Another point was the partnership from this deaf student with people around, that is the regular classroom teacher, the resource room teacher, the Brazilian Sign Language interpreter and, essentially, the family.

**Keywords:** LIBRAS, L2 teaching, Deaf student, Regular room.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**L2** - Segunda Língua

**LIBRAS** - Língua Brasileira de Sinais

**SRM** - Sala de Recursos Multifuncionais

**LGP** - Língua Gestual Portuguesa

**LAS** - Língua Angolana de Sinais

**LMS** - Língua Moçambicana de Sinais

**ASL** - Língua de Sinais Americana

**FSL** - Língua de Sinais Francesa

**BSL** - Língua de Sinais Britânica

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos

**FUNAD** – Fundação Nacional de Apoio à Pessoa com Deficiência

**LSCB** – Língua de Sinais dos Centros Brasileiros

**CRIS** – Centro de Referência de Inclusão Social

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> Atividade escrita no quadro branco.....	59
<b>Imagem 2:</b> Atividade de vídeo.....	59
<b>Imagem 3:</b> Atividade no livro.....	60
<b>Imagem 4:</b> Atividade em LIBRAS.....	60
<b>Imagem 5:</b> Livro do Alfabeto Manual.....	61
<b>Imagem 6:</b> Atividade com gravuras.....	61
<b>Imagem 7:</b> Jogo da Memória: Alfabeto Manual.....	62
<b>Imagem 8:</b> Jogo da Memória: objeto escolar.....	62
<b>Imagem 9:</b> Questionário aplicado à Professora 1.....	63
<b>Imagem 10:</b> Questionário aplicado à Professora 2.....	65
<b>Imagem 11:</b> Questionário aplicado à Interprete 1.....	67
<b>Imagem 12:</b> Questionário aplicado ao aluno Surdo 1.....	68
<b>Imagem 13:</b> Alfabeto Manual.....	69
<b>Imagem 14:</b> Iconografia de Flausino.....	70

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1:</b> Questionário aplicado à professora regular.....	41
<b>Quadro 2:</b> Questionário aplicado à professora da sala regular.....	41
<b>Quadro 3:</b> Questionário aplicado à intérprete.....	42
<b>Quadro 4:</b> Questionário aplicado ao surdo.....	42

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. LÍNGUA DE SINAIS NO MUNDO OCIDENTAL.....	15
1.1 Língua de sinais no Brasil.....	21
1.2 Sujeito surdo.....	23
2. O QUE É LÍNGUA?.....	26
2.1 A língua portuguesa no Brasil.....	29
3. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA SURDO .....	33
3.1 Aquisição da linguagem.....	34
3.2 Aquisição de L2 por surdos.....	35
3.3 Fatores individuais para aprender uma segunda língua segundo QUADROS (2012).....	37
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	30
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	59
ANEXOS.....	69

## INTRODUÇÃO

Tratamos neste trabalho de abordar o tema Ensino de Língua Portuguesa (doravante LP) como L2 (segunda língua) para surdos da escola pública no ensino fundamental séries iniciais em Bayeux - PB. Pesquisar o ensino de língua portuguesa para surdos do Ensino Fundamental nas séries iniciais é o nosso objetivo geral. Nossos objetivos são conhecer o ensino de português para surdos na modalidade escrita; Entender como ocorre tal ensino como segunda língua para surdos no Ensino Fundamental I; Identificar as possíveis falhas no ensino da L2 e compreender a forma como isto ocorre na sala inclusiva e na sala de recursos (multifuncional).

Esta é uma pesquisa de observação na qual foram feitas anotações e análises presenciais. Aplicamos questionários abertos buscando do aluno observado uma resposta também aberta e de próprio punho; foram feitos questionários abertos às professoras e à intérprete da língua de sinais.

Os autores abordados neste trabalho foram Quadros, Perlin, Cavalcanti, Marques, Oliveira, Ströbel, Silva, Souza, Schimiedt, Salles (*et al.*), Teyssier, Perlin, Ré (*et al.*), Sofiato e Reily. Todos eles trouxeram um grande enriquecimento para a construção desse trabalho. Sendo assim, as citações usadas no decorrer desta pesquisa serviram para reforçar o que entendemos a respeito dos temas abordados empiricamente.

Nosso problema de pesquisa visa entender: como vem ocorrendo o ensino de LP na forma escrita para surdos do ensino fundamental?

Como conclusão pretendemos, após a realização da pesquisa, apresentar à sociedade e à academia a importância do uso adequado de LP formal – uma língua de obrigatoriedade para o surdo na forma escrita, de acordo com a Lei de LIBRAS N. 10.436/02 - uma vez que tal língua é fundamental para a comunicação escrita do surdo na sociedade.

O trabalho encontra-se dividido em quatro unidades das quais a Unidade I trata da origem da língua de sinais no mundo e no Brasil, mostrando seu desenvolvimento no decorrer do tempo; a Unidade II trata da origem da língua portuguesa, visando mostrar a diferença do português de Portugal e do português do Brasil; a Unidade III trata do ensino de língua portuguesa para surdo como L2, através da aquisição da linguagem; e a Unidade IV apresenta a análise dos dados obtidos no decorrer da observação e aplicação dos questionários. Estamos certos de que esta última unidade atinge o ápice da pesquisa, pois abrange o processo do ensino de português como L2 para surdos na modalidade escrita.

A pesquisa foi feita numa escola da rede pública da cidade de Bayeux – PB. Em se tratando do Ensino Fundamental nas séries iniciais, mais especificamente o quarto ano, a professora da sala regular aborda todas as disciplinas (português, matemática, geografia, história, artes). Os envolvidos nesse processo de observação foram a professora da sala regular, a professora da sala de recursos, a intérprete de língua de sinais e o surdo, sujeito da ação do ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Observamos a sala do 4º ano do ensino fundamental I, no turno da manhã. A observação aconteceu apenas com um aluno surdo devido a ser o único matriculado na escola pesquisada. Sua faixa etária é de 16 anos.

Mais uma vez nossa pesquisa teve como ponto importante observar como ocorre o ensino de português como L2 para o surdo em uma sala regular e em sala de recursos. Vimos como foi aplicado esse ensino em ambas as salas para um surdo do ensino fundamental I da rede pública.

Em seguida, são postos os resultados dessa pesquisa na qual abordamos se foram ou não atendidos. E assim, vimos se houve resposta para o problema que questionamos nesse trabalho.

Os questionários foram aplicados aos quatro sujeitos da pesquisa e através deles pudemos perceber situações do cotidiano escolar. A ideia principal da aplicação do questionário foi entender melhor sobre o ensino de língua portuguesa para o surdo da escola regular, como também entender sob a ótica do surdo tal ensino transmitido a ele, através da professora da sala regular, da professora da sala de recursos e da intérprete – pois a função de intérprete não deve ir além de mediar os conteúdos.

Baseada em toda observação e análise dos dados obtidos, a pesquisa aponta como é a visão do ensino para o sujeito que não escuta, surdo, mas que precisa ter como segunda língua o português, obrigatoriamente na modalidade escrita de acordo com a Lei de LIBRAS, citada anteriormente. Assim, a pesquisa fica a dispor da sociedade a partir de sua publicação sobre o ensino de segunda língua para surdo e, assim, contribuir para o público que poderá tirar suas conclusões a respeito do tema.

Agora, convidamos todos os leitores a apreciar, nas próximas páginas, a pesquisa que fizemos no decorrer desse trabalho.

## 1. LÍNGUA DE SINAIS NO MUNDO OCIDENTAL

Tem-se falado muito sobre a língua de sinais, mas há pouca propriedade da sua origem, seu uso e sua finalidade.

A língua de sinais, como qualquer outra, é de uso fundamental para a comunicação entre pessoas surdas, porém ouvintes<sup>1</sup> podem utilizá-la para comunicar-se com as pessoas da comunidade surda.

A língua de sinais não é universal, cada país tem a sua própria língua, mesmo que países diferentes tenham o mesmo idioma, por exemplo, o português, a língua de sinais dos mesmos não são iguais.

No Brasil onde o idioma oficial é o português temos as seguintes línguas de sinais: a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (falada por uma comunidade indígena brasileira, a tribo Urubu Kaapor).

Em outros países de língua portuguesa, há línguas de sinais diferentes como: LGP (Língua Gestual Portuguesa), LAS (Língua Angolana de Sinais), LMS (Língua Moçambicana de Sinais). E, línguas de sinais de outros países, por exemplo: ASL (Língua de Sinais Americana), FSL (Língua de Sinais Francesa), BSL (Língua de Sinais Britânica) e entre outras.

Porém, a vida dos surdos nem sempre foi tão fácil como demonstra ser hoje, isso não implica dizer que a língua de sinais e os surdos passam a ter grandes oportunidades. A vida dos surdos está melhor no mundo atual. Hoje eles têm mais oportunidades dentro dessa sociedade ouvintista<sup>2</sup>, no século XV. A história da língua de sinais no mundo e no Brasil sempre teve seus altos e baixos. Observemos na citação abaixo:

A trajetória social das pessoas surdas sempre esteve dialeticamente implicada com a concepção de homem e de cidadania ao longo do tempo. A rigor a história da educação de surdos no Brasil é um pequeno capítulo da longa história em todo o mundo. Nas civilizações grega e romana, por exemplo, as pessoas surdas não eram perdoadas, sua condição custava-lhes a vida. Posteriormente, há o reconhecimento de que não há surdez absoluta e que os restos auditivos podem ser utilizados e desenvolvidos. No entanto, as pessoas surdas, ao longo do caminho, enfrentam descrédito, preconceito, piedade e loucura. (SALLES *et al.*, 2004, p. 54)

Em virtude desta citação e outras, vemos quão mais difícil foi a vida do surdo em sociedade desde os primórdios do tempo, pois muitas vezes foram considerados incapazes de assumir posições sociais, entre outras, tornando-os excluídos da sociedade.

<sup>1</sup> Pessoa que ouve. Em uma sociedade é o ser que não escuta.

<sup>2</sup> Pessoas que ouvem. Na época, era um método de ensino.

Segundo Salles *et al.* (2004, p. 54), o preconceito contra as pessoas surdas as afastou da sociedade, uma sociedade que pregava o que era “normal” (grifo nosso), uma sociedade que dizia que eles eram loucos e não podiam viver livremente em comunidade, e os gregos e os romanos os consideravam pessoas incompetentes, pois sem a fala não teriam como viver em comunidade. E assim, fica clara a exclusão que o surdo sofria naquela época.

Com o passar dos anos, muitos pesquisadores começaram a estudar a língua de sinais. Um dos mais importantes foi o francês e Abade Charles Michel de L’Epée (1712 - 1789). L’Epée desenvolveu diferentes metodologias no ensino para surdos (SALLES *et al.* 2004, p. 54). Ele transformou a vida dos surdos da época, pois aplicava uma forma própria de lidar com as pessoas surdas. Os ensinou a falar, ler, escrever, rezar (CAVALCANTI, 2011, p. 22) – afinal, o principal objetivo do religioso era a salvação da pessoa surda.

Assim, as sinalizações usadas pelos surdos passaram a ser usadas para transmitir os sons da fala, retratando a própria fala. Com a inserção da língua de sinais para os surdos, eles puderam viver em sociedade sem tanto preconceito. Inicialmente, foi usado o alfabeto manual.

Seguiu-se a essa proposta, outras que trouxeram os sinais como meio de comunicação. Os sinais representavam os sons da fala de uma forma visível através do que se chamou alfabeto digital, usado para ensinar a ler, associado à leitura dos lábios a manipulação dos órgãos fonoarticulatórios e pelo ensino de diferentes posições para a emissão do som. (CAVALCANTI, 2011, p. 22)

L’Epée fundou, em 1755, em Paris, a primeira escola pública para o ensino da pessoa surda (SALLES *et al.* 2004, p. 55). Com uma escola especializada para o ensino de surdos, os surdos puderam se sentir mais à vontade na sociedade. Os ensinamentos que L’Epée trouxe para a melhoria do povo surdo foi um grande avanço para a comunidade surda. Foi uma época em que tudo era escasso, em que o preconceito era extremo, e mesmo assim L’Epée fez o possível para inserir os surdos na sociedade.

Então, como se pode observar, o uso do alfabeto digital - atualmente o chamamos de alfabeto manual – teve um grande poder na educação dos surdos, pois era (e ainda é) a forma inicial por onde os surdos começam a ser inseridos na sociedade. O alfabeto manual é a porta de entrada para a comunidade surda, uma comunidade que necessita de muita ajuda por parte dos ouvintes. Somente após a aprendizagem do alfabeto manual, os surdos passaram a aprender os sinais (consideramos isso a “palavra” - grifo nosso - em português, ou no idioma local), gerando uma comunicação entre os envolvidos.



L'Epée utilizou-se de vários recursos para ensinar o surdo a ler e a escrever. E um dos métodos foi através do alfabeto manual, mas ele também se apropriou de outros recursos, por exemplo, a leitura labial. Esse era um método em que ele aplicava para que o surdo pudesse assimilar o objeto ao sinal mostrado. Não podemos deixar de ressaltar que, a língua de sinais não foi bem aceita no mundo ouvinista e que houve muito preconceito e muita discriminação com a pessoa surda. E também observar a importância de L'Epée para a comunidade surda.

Com o passar do tempo, muitas coisas mudaram em relação ao surdo. Todos os ensinamentos que L'Epée trouxe para a melhoria na comunicação dos surdos foi proibida pela sociedade ouvinista a partir do Congresso de Milão (1880) em que ficou determinado qual seria o novo método de aprendizagem para os surdos.

Em Milão, na Itália, em 1880, realiza-se o Congresso Internacional de Surdo Mudez, ficando definido que o Método Oral é o mais adequado na educação do surdo. Nesse congresso, a visão oralista defende que só através da fala o indivíduo surdo poderá ter seu desenvolvimento pleno e uma perfeita integração social. Desse modo, o domínio da língua oral tornou-se condição básica para sua aceitação em uma comunidade majoritária. (SALLES *et al.*, 2004, p. 55)

Observamos no excerto acima o quanto foi negativo esse método oral para os surdos. Porém os representantes da época não entendiam isso, e queriam impor de todas as formas o uso do oralismo<sup>3</sup> aos surdos.

Aqui não estamos tratando de linguagem. A língua de sinais não é uma linguagem, mas sim, uma língua, visto que a primeira trata de uma abordagem mais ampla e, a segunda de um idioma.

Os surdos só seriam inseridos na comunidade se aprendessem a falar. Sem a oralização eles não seriam vistos como seres capazes de pertencer à sociedade. Ficariam reclusos em seu próprio universo e não poderiam interagir com o meio em que vive. Como houve uma proibição no ensino de língua de sinais pela sociedade ouvinte da época (1755), os surdos não podiam se expressar em sua língua, pois a sociedade majoritária não aceitava isso como uma forma de comunicação. Como vivemos em uma sociedade ouvinista, a pessoa surda teria como obrigação aprender a falar e, em contrapartida, os ouvintes não eram obrigados a saber a língua de sinais (CAVALCANTI, 2011, p. 22).

Segundo Cavalcanti (2011, p. 22), [...] Ficou legitimado que apenas a língua oral deveria ser aprendida pelos surdos, sendo a língua de sinais considerada como prejudicial para o desenvolvimento dessa criança. Vimos que os surdos passaram por transtornos

---

<sup>3</sup> É um método de ensino usado para fazer o surdo falar antigamente.

sociais de preconceito durante décadas. O mundo no qual eles estavam imersos, não lhes trazia nenhum benefício. L'Epée com todos os esforços possíveis fez de tudo para garantir ao surdo o direito de viver em comunidade com dignidade. Ao que se sabe, o que os surdos mais desejavam era poder se expressar da forma livre e espontânea, porém foram tolhidos em tal desejo.

Observa-se que era uma sociedade injusta – nos parece que hoje ainda o é. Era uma sociedade que decidia pelos demais, e esses eram a minoria burguesa. Os surdos sofreram muitos preconceitos para que hoje eles possam ter os seus direitos adquiridos. Como observamos os surdos não podiam se comunicar na sua língua (gesto-visual). Eles tinham que aprender a usar uma outra língua (oral) para poder se expressar na sociedade. Assim, vemos o quanto foi difícil para os surdos viverem tranquilos em sociedade. Também vemos que método oral, que foi decidido em Milão, foi a ruína para a expressividade da comunidade surda, com a proibição da língua de sinais.

Vemos que o surdo foi obrigado a aprender a se comunicar através da modalidade oralista. Uma modalidade que ia contra a sua forma natural de expressão. Não se pode impor de que forma o surdo irá se comunicar.

A língua de sinais foi vista como prejudicial para o desenvolvimento da pessoa surda, porém, hoje, a língua de sinais é vista como uma das melhores formas de comunicação entre os surdos, visto que é através das línguas de sinais os surdos podem se expressar com naturalidade, menos imposta.

Não é porque a língua não é oral que quer dizer que não há uma mensagem sendo transmitida durante a sinalização. A língua de sinais, através das mãos e da expressão facial e corporal, transmite enunciados e mensagens completas. Evidentemente para que o interlocutor compreenda o que está sendo transmitido em língua de sinais, é necessário que o mesmo esteja inserido na comunidade surda e na língua sinalizada, assim como ocorre em outras línguas orais.

O surdo não tem uma vivência ouvintista. Acreditamos que o universo do surdo não é em total silêncio, visto que, segundo os fonoaudiólogos há 4 níveis de surdez: surdez leve é de 40 decibéis, surdez moderada de 40 a 70 decibéis, surdez severa de 70 a 90 decibéis e surdez profunda acima de 90 decibéis (AUDIUM, 2017). O método oral não é eficaz, principalmente quando a criança nasce surda. É quase impossível ela entender os sons ao seu redor, como também é quase impossível ela compreender o que está sendo dito pelo outro de forma natural sem treino fonoaudiológico.

Algum tempo depois do Congresso de Milão surgiu a Declaração de Salamanca (1994). Declaração essa que foi um grande salto para educação dos surdos, nela estava decretado o uso da língua natural pelos surdos que poderiam se comunicar livremente na sua língua (SALLES *et al.*, 2004, p. 58). Vejamos:

Cabe acrescentar que um marco na educação da pessoa surda encontra-se na Declaração de Salamanca, de 1994, documento de referência mundial e orientador do processo de inclusão. Em relação à situação do surdo, destaca a importância de uma educação pautada no direito e reconhecimento da língua natural do indivíduo [...]. (SALLES *et al.*, 2004, p. 58)

Assim, vemos que com essa declaração os surdos puderam voltar a se comunicar em sua língua, a língua de sinais. A declaração de Salamanca trouxe para os surdos, novamente, a oportunidade de viver em sociedade sem serem proibidos de usar a sua língua natural. Com isso, o preconceito foi amenizado.

Como diz na Declaração de Salamanca (1994) [...] “a importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signo.” [...]. (Apud SALLES *et al.*, 2004, p. 58)

A educação dos surdos, através da língua de sinais, iria trazer mais aprendizados para a própria comunidade. Visto que, ao aprenderem o método oralista, fazia com que a expressividade fosse interrompida.

A mesma Declaração trouxe para os surdos o direito de se comunicar livremente na língua de sinais e assim, ocorre um grande avanço para a sua educação, pois poderiam aprender todo conteúdo pedagógico em sua língua gesto-visual.

Vemos o quanto os surdos sofreram para ter o mínimo de direito possível. Não se pode determinar a língua que o surdo irá usar para se comunicar, mesmo imaginando que a ideal seja a língua de sinais.

Atualmente as escolas vêm investindo mais na educação da pessoa surda, porém não é uma educação de qualidade. O caminho não está sendo mais tão difícil comparado há anos atrás. A conquista é sinônimo de muito trabalho, e isso só mostra o quanto há barreiras a serem superadas.

Uma educação voltada à sua língua natural/de sinais fez com que muitos surdos tivessem a oportunidade de adquirir conhecimento. O ser surdo pôde ter a chance de se expressar como realmente deveria, se expressar em sua língua. Porém a escola não aceitou isso tão fácil.

A dificuldade da escola quando aceitou o surdo como sujeito cultural, mesmo tendo uma visão restrita do que constituiu essa cultura, está em articular, controlar e disciplinar uma nova ordem para os discursos acerca da surdez e dos surdos. (SILVA; SOUZA, 2010, p. 110)

Ao mesmo tempo em que foi possível ao surdo ter acesso à escola, para a escola não foi tão fácil esse acesso, visto que, teve que se adaptar a um novo método de ensino onde incluía o sujeito surdo com as suas especificidades. A maior dificuldade foi ver a pessoa surda como um ser diferente, por não ouvir, mas igual por participar da sociedade. A escola necessitava criar uma nova metodologia para que o surdo fosse inserido na sala de aula sem sofrer nenhum tipo de preconceito, pensando o ser surdo como parte integrante do seu espaço. Surge assim, o desafio da inclusão. Porém a instituição de ensino pouco está preparada para isso. Hoje, ainda, encontramos muitas escolas e seus educadores sem preparo adequado para receber surdos. Assim, parece voltarmos ao tempo do método oralista, onde a pessoa surda teria que se comunicar pela fala. Devemos lembrar que a sociedade não é somente dos ouvintes, mas também dos surdos.

Vejamos na citação abaixo o que mostra a Lei Federal N°10.436, de 24 de abril de 2002:

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Como observamos no Art. 2º, em se tratando de Brasil, os órgãos públicos têm o dever de fazer com que a sociedade tenha acesso à língua de sinais. É dever deles fazer com que a população possa ter conhecimento da LIBRAS. O surdo necessita desse apoio. É dever desses órgãos dar uma boa assistência aos surdos. É necessário que haja profissionais capacitados para auxiliar no desenvolvimento da pessoa surda, como professores e intérpretes de LIBRAS. Também é dever dos órgãos públicos dar suporte na área da saúde. Vejamos no Art. 3º.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor. (BRASIL, 2002)

Observamos que é de total responsabilidade do poder público dar à pessoa surda um atendimento de qualidade. É função dos órgãos públicos fazerem com que os surdos e

os deficientes auditivos <sup>4</sup>tenham um tratamento adequado na área da LIBRAS, e isso inclui do tratamento mais simples ao mais complexo.

Todos nós somos iguais perante a lei e diferentes em nossas próprias especificidades. Com todo avanço que se tem na história dos surdos, ainda hoje eles passam por vários tipos de preconceito. É necessário educar a sociedade para que todos possam interagir. Não há sociedade ímpar, mas sim, uma sociedade que é construída por todos que dela fazem parte.

Por ainda vivenciarem preconceitos, os surdos se sentem, de certa forma, um pouco isolados, por exemplo: quando vão aos eventos, às compras, etc., percebem que a população não sabe nada a respeito de sua língua, assim os surdos tem que se comunicar por “mímica” (grifo nosso), ou seja, fazer gestos específicos para que os mesmos entendam o que os surdos querem dizer.

### 1.1 Língua de sinais no Brasil

Há no Brasil duas variantes da língua de sinais: uma é a língua que é desenvolvida pelos índios da floresta Amazônica, os índios da tribo Urubu-Kaapor; a outra, pelas pessoas de regiões metropolitanas ou grandes centros urbanos, a Língua Brasileira de Sinais, ou seja, a LIBRAS. E ambas apresentam uma função importante para a comunicação desse grupo, um grupo que supostamente é excluído da sociedade pelo fato de não poder se comunicar pela fala oralizada, não-natural.

Encontramos no Brasil esses dois tipos de língua de sinais. Vale salientar que cada uma tem estruturas diferentes. Cada qual com sua especificidade, com uma gramática própria.

Pela facilidade da informação cada vez mais pessoas têm o acesso à LIBRAS e aprendem a se comunicar com os surdos. A ideia é que todos possam ter oportunidade de aprender a língua de sinais. Uma vez aprendida, a língua de sinais passa a circular com mais propriedades, e assim ganha notoriedade na sociedade. Nisto, observamos a minimização do preconceito contra as pessoas com deficiência, no nosso caso, com surdez.

A língua de sinais dos centros urbanos (LSCB) teve grande circulação entre os ouvintes que deram novos significados conforme os saberes da época. A língua de sinais foi considerada por especialistas, principalmente da área da saúde como um conjunto limitado de gestos. (SILVA; SOUZA, 2010, p. 111)

---

<sup>4</sup> Quando apresenta uma perda auditiva unilateral ou bilateral.

Observamos que o uso da língua de sinais não é exclusividade do povo surdo, mas abrange a comunidade ouvinte, até porque para haver a interação entre as duas comunidades é necessário que haja aprendizado da língua de sinais por ambos. Vemos que a circulação da língua brasileira de sinais nos centros urbanos permite ao surdo uma melhor notoriedade dessa língua por parte da sociedade ouvinte, pois quanto mais falantes existirem, mais notável será a língua de sinais. Também ao abrirem espaço para que a língua de sinais seja, cada vez mais aceitável pela sociedade, a exclusão dos surdos torna-se mais minimizada.

Em meados do século XIX muitos especialistas não viam a língua de sinais como uma língua de fato, apenas como uma linguagem, ou seja, eram apenas gestos feitos por pessoas que não conseguiam falar devido a não escutar, porém, pessoas influentes da época não acreditavam que eles eram surdos. Baseado nisso, eles não apoiavam os surdos, e isso nada mais era que uma forma de exclusão por parte de quem tanto poderia ajudar. Ou seja, os surdos não tinham apoio dos influentes da sociedade.

Huet foi um surdo que tinha muito conhecimento sobre o ensino de língua de sinais para os surdos. Ele veio da França para o Brasil a convite do imperador D. Pedro II. O que tornou possível a educação dos surdos no Brasil (na literatura há dúvida sobre o nome deste educador, pensa-se que foi Ernest ou Edward), em 1857, na cidade do Rio de Janeiro. Huet trouxe para o Brasil uma educação pautada somente na inclusão de surdos nas escolas.

O primeiro documento da língua brasileira de sinais – a LIBRAS -, que foi produzido no Brasil para os surdos, foi através da iniciativa de Flausino José da Costa – uma Iconografia criada por um surdo e para surdos, mas também para os ouvintes - era uma forma de fazer os surdos socializarem. Esse documento entrou no Brasil em 1875, século XIX, e foi chamado de *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (ver em anexo) (grifo nosso), cuja origem é francesa.

Segundo Sofiato e Reily (2012, p. 571), Flausino José da Costa era surdo congênito e pensionista do estado. Ele ocupou um grande papel no Instituto Imperial dos Surdos-Mudos do Brasil (1875). Ingressou aos dezoito anos de idade, diferentemente dos seus colegas de turma que tinham em média quinze anos. Trouxe muitos avanços no que se referia à comunidade surda, tornando-os seres sociais e tentando de todas as formas acabar com o preconceito legitimado por uma sociedade majoritária. A sociedade que determinava o que era certo ou o que era errado. E vimos que para a sociedade o uso da língua de sinais

era uma forma errada de se comunicar. Vale salientar que era errada porque os poderosos educadores da época não compreendiam a mensagem que estava sendo passada ali, e também eles não faziam nenhum esforço para aprendê-la. Todavia, se o outro não faz questão de aprender a se comunicar com os demais, também não pode penalizar os surdos. Hoje, sabemos que o meio mais fácil para os surdos se comunicarem é através da língua de sinais, que é a língua gesto-visual.

O intuito dessa aprendizagem foi fazer com que tanto os surdos quanto os ouvintes pudessem participar da comunicação. Assim os surdos seriam inseridos na sociedade e não mais excluídos, tendo os ouvintes também como apoio.

O dicionário (*Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*) citado anteriormente foi de suma importância para os surdos e para os ouvintes, pois ele trouxe a liberdade de expressão que o surdo tanto desejava, conforme vemos na citação a seguir.

O dicionário de Flausino da Gama é motivo de orgulho para muitos surdos brasileiros, bem como ouvintes envolvidos com os estudos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), porque esse material representa o primeiro esforço de criar uma iconografia para essa língua no país. Valorizam-se dois aspectos: o seu pioneirismo, por ter sido desenhado em 1875 no Rio de Janeiro; e o fato de Flausino ter sido, ele próprio, surdo. (SOFIATO; REILY, 2012, p. 569)

Logo, observamos o quanto esse dicionário foi primordial para a comunidade surda. Flausino trouxe inovação para a língua brasileira de sinais. Assim, vemos que os aspectos mais relevantes foram: o pioneirismo, cuja modalidade ainda não estava em uso aqui no Brasil, e, também, pelo próprio Flausino ser um surdo (SOFIATO; REILY, 2012, p. 569, 570). Por ele ser surdo foi justamente o ponto principal para que conseguisse entender as necessidades de outros surdos, pois ele sentia na pele as dificuldades de se comunicar com o mundo ouvinte, e a discriminação que era um ponto fundamental para a comunidade surda. Se há preconceito, há também interrupção da comunicação através da LIBRAS. Logo vemos o quanto para o surdo foi terrível se comunicar. A comunidade surda sofreu – e ainda sofre – muito preconceito por não conseguir se comunicar pela fala oral.

## 1.2 Sujeito surdo

O surdo tem voz. Ele representa a si próprio e também a sua comunidade. Vejamos o que diz Ströbel (2007) a respeito disso:

A sociedade não conhece nada sobre o povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal como ‘coitadinhos’, ‘que

pena', ou lida como se tivessem 'uma doença contagiosa' ou de forma preconceituosa e outros esteriótipos causados pela falta de conhecimento. (STRÖBEL, 2007, p. 21)

Conforme diz a autora acima que também é surda, é preciso conhecer sobre a vida dos surdos, e ver que como eles vivem em sociedade. O sujeito surdo é um ser humano sem um dos sentidos: a audição. Porém, por vezes, pode ser considerado, inadequadamente como deficiente.

Segundo Ströbel (2007, p. 23), quando lhes falta conhecimento a sociedade passa a vê-los de forma equivocada, dando vários adjetivos pejorativos. Ao passarem a estereotipá-los, passam também a não os enxergar como membros da mesma sociedade, acarretando assim em várias formas de preconceitos e/ou exclusão.

O sujeito surdo precisa de contatos com os ouvintes e não somente com o povo surdo. Ele necessita de interação com o universo ouvinte. Assim é importante não haver bloqueios que produzam receios evitando, assim, uma visão estereotipada e negativa em relação ao sujeito surdo. Na visão de Ströbel, a autora trata de tal visão.

Temos as variações de representações no decorrer da história de surdos e ao lado destas representações, baseadas no discurso ouvinista, encontramos os vários esteriótipos negativos a cerca de surdos, tais como o mudo, deficiente, anormal, doente e outros. (STRÖBEL, 2007, p. 23)

Outro fator importante para ressaltar é que a comunidade de saúde (a Organização Mundial de Saúde) já viu a língua de sinais como gestos limitados de uma língua, em que não há expressividade. Porém vimos que a língua de sinais vai além de simples gestos, ela diz todas as coisas e que há sentido na mensagem que transmite. Não importa se é a língua de sinais Urubu-Kaapor ou a LIBRAS, ambas passam uma mensagem completa, independente da variação.

A sociedade precisa aprender que o surdo não é um doente, que ser surdo não é estar doente. Que se deve aprender a usar o termo correto e não se utilizar de nomenclaturas que não fazem jus à condição correta do sujeito surdo. O surdo é um sujeito como qualquer ouvinte, como dissemos anteriormente.

É necessário fazermos adaptações. É preciso querermos inserir os surdos no nosso cotidiano. É fundamental buscarmos conhecimento sobre aquilo que nos rodeia para compreendermos melhor tudo à nossa volta.

Para que isso ocorra, devemos entrar nesse universo, pode ser até um universo novo e desconhecido mas, que fará total diferença em nossas vidas. Devemos influenciar e deixarmos ser influenciados por essa nova cultura. Toda troca de experiência é válida no



momento em que todos aprendem algo novo. E assim, vamos – nós ouvintes - cada vez mais nos aproximando do sujeito surdo, tornando-os assim membros da mesma sociedade, com isso a interação com a cultura surda se aperfeiçoa.

Ströbel (2007, p. 30) diz que “O povo surdo tem a cultura surda, que é representada pelo seu mundo visual. No entanto, a sociedade em geral não conhece e por isso nada deve ser dito sobre ela”. Então vemos que é preciso que os sujeitos ouvintes queiram participar do mundo surdo. Que é necessário que eles deem espaço para que os sujeitos surdos possam entrar no universo deles também.

É importante que o ser ouvinte se dê oportunidade de conhecer a cultura surda, e assim aprender com ela. É necessário que o surdo e o ouvinte possam fazer parte da mesma família, onde um possa ajudar o outro. Somos seres de um mesmo planeta, portanto, devemos nos unir em prol do outro. Não há sociedade sem diferenças, pois, além de outras coisas, são elas que fazem com que haja troca de conhecimento. E qualquer troca de conhecimento faz com que a sociedade se torne viva. Portanto o sujeito surdo não pode ficar reprimido dentro da cultura ouvinte. O ser surdo é um sujeito que faz parte da sociedade, logo ele não deve ser excluído da mesma. A comunidade surda existe. E devemos dar a oportunidade de conhecer esse povo. Devemos nos dar a oportunidade de mergulhar em um novo mundo, onde haverá troca de experiências. Segundo Perlin (2010):

O caso dos surdos dentro da cultura ouvinte é um caso onde a identidade é reprimida, se rebela e se afirma em questão da original. A identidade original estabelece uma identidade de subordinação em vista da alteridade cultural, a mesma que se dá entre os outros grupos étnicos. (PERLIN, 2010, p. 53)

O que podemos observar é que o sujeito surdo sofre para se adaptar ao mundo dos ouvintes. Logo, torna-se difícil para o sujeito surdo se adaptar a cultura do ouvintista, porque é uma cultura que não faz parte do universo surdo.

## 2. O QUE É LÍNGUA?

Primeiramente, para entendermos o que é língua de sinais, devemos saber o significado de língua. Abaixo, destacamos uma das definições, segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (p. 427), sobre o que é língua:

“**Língua** sf. 3. Conjunto das palavras e expressões, faladas ou escritas, usadas por um povo, por uma nação e o conjunto de regras da sua gramática.”

Então, observemos que a língua nada mais é do que uma comunicação entre os povos, também vista como um idioma. Por meio dela ocorre a interação entre os falantes daquela língua, que normalmente são da mesma nacionalidade ou origem.

Porém, para que uma língua se torne oficial e viva, ela deve estar em uso constante. O uso de uma língua vai depender exclusivamente dos falantes ativos, uma vez que serão eles que farão com que essa língua se torne viva. Observemos uma citação que se refere ao uso efetivo de uma língua:

A vitalidade de uma língua, contrariamente aos recursos naturais, depende de sua utilização efetiva, tanto em escala nacional, quanto em escala mundial. Quanto mais uma língua é utilizada, mais ela é viva e, inversamente, quanto menos é utilizada, mais ela é ameaçada de extinção. Assim sendo, é o uso social da língua que determina seu grau de revitalização. (SALLES *et al.*, 2004, p. 26)

As autoras nos dizem que, quanto mais uma língua for usada mais espaço ela ganhará numa escala não só nacional, mas também em escala mundial. O uso dessa língua faz com que a mesma não morra e sendo assim ele passa a ter mais vitalidade.

Pelo que podemos analisar, uma língua não sobrevive ao individualismo, ou seja, quando há somente um único falante da mesma, e isso implica dizer que, mesmo que cada pessoa tenha uma forma de lidar com essa língua, é preciso que ocorra a interação entre todos os indivíduos daquela mesma língua, para que assim, em coletividade, a língua possa se propagar e se manter viva na comunidade em que ela está inserida.

Assim como o latim, que se tornou uma língua em desuso, muitas línguas atuais podem cair em desuso. Para que isso não ocorra, como já mencionamos, a morte de uma língua só será vista como morta quando não houver mais falantes ativos daquela língua. Também não se pode querer unificar todas as línguas em uma só. Segundo Salles *et al.* (2004):

O mundo atual - o mundo globalizado - que pretende apagar limites - não é capaz de atingir o sistema das línguas, porque não lhe é permitido clonar todas em uma só. Como se fora um paradoxo, o significado de 'global' atua nos objetos concretos, nas coisas que se compram e que se vendem, mas não atingem as línguas; ao contrário, exacerba nacionalismos. O homem globalizado é aquele que está inserido num mercado e, por consequência, num canteiro linguístico, num multiculturalismo fenomenal. (SALLES *et al.*, 2004, p. 26)

Mesmo o mundo estando globalizado, uma vez que a língua representa um povo, uma cultura, uma sociedade. E tudo isso é desmembrado do que se refere globalizar, entendendo a terminologia “globalizar” (grifo nosso), como sendo, unificar o mundo, esse termo não se aplica às línguas, porque toda língua tem suas particularidades.

O mundo globalizado ao qual estamos inseridos, veio para tentar unir todos os povos, mas como vimos na citação acima, ele não conseguiu alcançar as línguas, pois as línguas têm as suas individualidades. Outro fator importante que podemos observar na última citação é que as línguas não conseguem se modificar ao ponto de unir todas as línguas em uma só.

Quando um Sistema de Ensino ensina língua, ele deve se ater a individualidade dessa língua e a diversidade da mesma. Essa unidade se refere a uma parte, a parte mais restrita, que é a gramaticalidade da língua; e a diversidade, quando partimos para a língua oral, cuja função é difundir mais e mais a língua. Vejamos na fragmento abaixo:

Como princípio ético, qualquer política de línguas deverá trabalhar a unidade e a diversidade. Não se trata de pólos de contradição, mas de eixos de transição. A unidade é uma razão do Estado e a diversidade ou variedade é a matéria linguística própria da comunidade, pois reflete a língua em uso, ou seja, as linguagens verbais, por meio das quais os indivíduos se comunicam. A unidade é resguardada pelo padrão oficializado em um modelo de gramática, e a variedade se faz representar nas diversas gramáticas práticas e pragmáticas de um Estado linguístico. Para compreender como se desenrola o discurso social, precisamos saber como a língua e as linguagens representam nossas experiências. (SALLES *et al.*, 2004, p. 27)

A partir do trecho acima, vamos tecer citações indiretas acerca da oralidade, unidade, diversidades, gramática. Devemos observar na excerto acima que tanto o uso da unidade quanto o uso da diversidade de uma língua é fundamental para que ela cresça. Porém, observemos que o uso da diversidade dessa língua é mais amplo, pois a mesma pode abranger espaços e públicos que a unidade não consegue alcançar.

A língua em forma de diversidade vai abranger a parte oral da língua, já a língua como unidade vai abranger a parte escrita dessa língua, tornando-se assim mais limitada. A

língua precisa de espaço para que possa crescer, e esse crescimento ocorre através da oralização, é aí que se constrói a língua em si, e é dessa forma que fará com que ela não morra.

Quem deve oferecer a língua como unidade é o Estado<sup>5</sup>. E quem oferece a língua como diversidade são os próprios falantes dessa língua. A língua em forma de unidade traz a gramática da língua. Gramática na qual vemos a existência de regras, tornando-a uma língua culta. Por outro lado, temos a língua como diversidade, que é uma língua sem regras, ela é vista como a língua coloquial daquele lugar (país). Essas são as formas da língua que a tornará viva. Uma língua não sobrevive somente com o uso de sua gramática, ou seja, através de regras. É necessário mais do que isso para se transformar numa língua viva. Regra nenhuma define uma língua como vitalidade ao ponto de fazê-la se propagar, mas sim, o uso constante dessa língua, ou seja, quando os falantes da mesma passam a usá-la diariamente através do uso - o uso coloquial dos falantes de uma língua.

É a língua como diversidade que torna o idioma vivo. E a forma como a língua se comporta entre os falantes é o que faz com que essa mesma língua nunca caia em desuso. É de fundamental importância que os falantes de uma língua nunca deixem de expressar a mesma, pois é somente dessa forma que uma língua se mantém em uso e que pode se tornar viva dentro de uma comunidade.

Segundo Salles *et al.* (2004), faz-se necessário observar a língua sob a perspectiva de espaço-tempo, um termo usado para representar a língua que funciona como suporte. Ainda de acordo com as autoras, vemos que nem sempre os sujeitos que estão inseridos em uma comunidade linguística serão dotados de uma língua gramatical como o elemento primordial para o desenvolvimento da mesma. A língua precisa de vivacidade, onde os sujeitos possam dominá-la.

Uma língua com suporte linguístico evolui e nunca cai em desuso. A parte gramatical de uma língua só tem como finalidade as regras para serem aplicadas na parte escrita e a língua em si é bem mais do que regras.

A língua escrita tem como função primordial propagar o idioma. A língua que é compreendida como estrutura – através de regras - nem sempre mantém uma língua viva, pois ela serve somente para o uso culto da escrita daquela língua. Por um lado, essa língua escrita afasta os falantes. Todavia, a língua escrita é cheia de regras, isso porque ela abrange a norma padrão daquele idioma, na modalidade escrita. E uma língua não

---

<sup>5</sup> Segundo Salles *et al.* (2004), o Estado significa Instituição Federal.

sobrevive somente com a modalidade escrita. É necessário muito mais que regras para tornar uma língua em evidência.

Para Salles *et al.* (2004), a língua que é compreendida como estrutura - a língua gramaticalizada - é a língua oferecida pelo Estado, porque é função dessa instituição oferecer a língua escrita, vista também como língua padrão, para a sociedade. Segundo Salles *et al.* (2004) o Estado é quem decide qual língua se tornará oficial para aquele país. Por outro lado, temos a língua coloquial, que funciona como um suporte linguístico para que esse idioma não venha a sofrer perda. Logo veremos na citação abaixo uma explicação melhor sobre a funcionalidade da língua escrita e da língua oral, em que uma funciona como estrutura linguística e a outra como negócio de mercado. E veremos que nem sempre uma está atrelado a outra.

No mundo globalizado, o progresso da integração se faz por meio de projetos institucionalizados de políticas em que as línguas ocupam lugar de destaque. Assim, de um lado, encontram-se os Estados que regulamentam quais devem tornar-se 'línguas oficiais de ensino', e de outro, encontram-se projetos internacionais avançados para difusão de línguas em territórios vastos nos quais se realizam negócios. E o português, língua de expansão continental, assenta suas bases, na condição de oficial e de língua de mercados, em organismos econômicos, na Europa, na América, na África e na Ásia. (SALLES *et al.* , 2004, p. 30)

Ao lermos o trecho acima, observamos que o português tem um papel fundamental tanto na língua voltada para o ensino quanto na língua voltada para o negócio. Vemos que é o Estado que decide qual língua será ensinada como língua oficial.

Com essa expansão da língua portuguesa, o português ganhou espaço em outros continentes além do Americano. Com isso, vimos que a língua portuguesa está viva, pois no mundo todo está fazendo uso da língua portuguesa.

Para que uma língua se torne sempre viva é preciso que haja falantes dessa língua. E também vimos que não é a língua gramaticalizada que faz com que uma língua não morra, mas sim, o uso constante dessa língua.

## 2.1 Língua portuguesa no Brasil

A língua portuguesa do Brasil tem sua origem em Portugal. Porém ela vem lá do galego-português, uma língua nascida no Norte do Douro, chamada Gallaecia (TEYSSIER,

2001, pp. 4, 6, 7). Aqui, o que podemos observar é que a língua portuguesa ganhou um grande destaque na forma do falar. Pois, a sua fonologia e a sua escrita divergem muito da de Portugal. A partir da chegada dos portugueses ao Brasil (1500), Portugal queria dominar mais terras.

E quando Portugal decidiu transferir sua capital para o Brasil, logo foi instalando a sua cultura e os seus valores políticos, ou seja, tudo funcionava semelhante a Portugal. O Rio de Janeiro passou a ser a sede do governo português. E com isso novas vivências foram impostas no Brasil, pois tinha que seguir o regime de Portugal.

Nós de origem brasileira percebemos que há algo incomum entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal, como podemos observar na citação abaixo:

A língua portuguesa adquiriu especificidades locais e começou a definir-se como variedade brasileira, o que culminou em 1922 com a Semana de Arte Moderna, que privilegiou as singularidades do falar brasileiro, com ênfase ao tom coloquial da linguagem. (SALLES *et al.*, 2004, p.28)

Observemos que o Brasil passou a ter uma forma diferente de falar o português de Portugal. No Brasil, se formou uma nova variedade dessa língua. Hoje o que mais percebemos é que o nosso português é quase totalmente - senão totalmente – diferente da língua falada em Portugal. É como se nós tivéssemos criado uma nova língua a partir de uma outra língua, ou seja, do português de Portugal. O tom coloquial da língua foi o que mais chamou atenção na Semana de Arte Moderna no Brasil em 1922, pois foi visto que ele ia contra a forma de falar em Portugal. A Semana de Arte Moderna chamou atenção justamente para essa nova especificidade da língua portuguesa.

Ao acontecer a Semana de Arte Moderna, a singularidade do português brasileiro chamou atenção, pois foi quando se percebeu que a forma do falar do brasileiro não parecia em nada com a forma falada em Portugal. Vale deixar claro que isso se refere somente a língual oral, pois na escrita seguimos o acordo ortográfico entre os países de LP (ver página 14).

Segundo Salles *et al.* (2004), a Semana de Artes Moderna deixou o falar brasileiro em evidência, dando assim, privilégio a essa nova variedade do português. Com essa evidência, foi perceptível que os brasileiros falavam de forma diferente da nação portuguesa. Os brasileiros tinham uma cultura que diferenciava da cultura burguesa europeia.

Hoje temos o Brasil como o maior país em que há números demasiadamente altos de falante da língua portuguesa, sendo ela o idioma oficial. Isso só deixa claro o quanto o Brasil tem destaque no mundo, mesmo sua língua divergindo de Portugal.

Abaixo, veremos um pouco sobre o poder da língua portuguesa falada por brasileiros:

Cinco séculos depois da colonização, nos primeiros anos do 2<sup>o</sup> milênio, a sociedade brasileira se apresenta como maior nação de falantes de língua portuguesa. No entanto, sua liderança no bloco lusófono deverá afirmar-se pela valorização da língua portuguesa como fator de união e solidariedade na comunidade lusófona, com o respeito à diversidade linguística e à expressão multicultural dos povos. Para tanto, é necessário promover o letramento e o amplo acesso do cidadão às diferentes instâncias sociais, à produção e ao usufruto dos bens culturais e artísticos, com vistas ao desenvolvimento humano e à realização pessoal. (SALLES *et al.*, 2004, pp. 23, 24)

Podemos observar o quanto a língua portuguesa falada por brasileiros tem um grande valor, pois mesmo depois de séculos, a partir do descobrimento do Brasil (1500), a língua portuguesa falada por nós continua a ter um grande destaque na sociedade mundial. Os brasileiros são vistos como uma das maiores nações de língua portuguesa. Inclusive, os angolanos se inspiram muito na cultura brasileira. Vale salientar que a língua falada em Angola é o português, na verdade é a língua oficial desse país.

É função do Estado dar acesso à língua do seu país a todos os cidadãos falantes da mesma, inclusive, mesmo que esse cidadão não seja ouvinte. O Estado deve criar políticas públicas para que o acesso ao conhecimento da língua seja o mais amplo possível.

Quando um cidadão é surdo, ao falarmos língua, pensamos na língua oral, porém o sujeito surdo não oraliza naturalmente, logo sua visão linguística é diferente. Vejamos o que as autoras falam sobre a situação dos surdos nesse universo ouvintista.

[...] A situação da comunidade surda nesse cenário é particularmente interessante, em termos linguísticos, pela perspectiva do bilinguismo, e culturais, tanto no plano da cidadania brasileira, com o sentimento de nacionalidade e o respaldo institucional, quanto na condição que identifica seus membros como detentores de uma cultura própria, a cultura surda. (SALLES *et al.*, 2004, p. 24)

Como podemos notar, a situação da comunidade surda é bem interessante ao se tratar de língua e cultura, pois elas são próprias. Ou seja, elas divergem totalmente da cultura de Portugal e também da cultura dos ouvintes brasileiros.

O surdo por sua vez necessita muito do apoio da comunidade ouvintista, porque é nesse meio que está inserido o sujeito surdo, onde esse mesmo sujeito cresceu ou conviveu

num mundo totalmente sem som. E é nesse espaço que o surdo está inserido, aqui na língua portuguesa.

Contudo, como já mencionamos, a língua portuguesa no Brasil passou a ter características próprias, tudo isso devido a influências de outras línguas, culturas e povos.

No processo de constituição da língua portuguesa no Brasil, esta passou por contatos diretos entre a língua do colonizador e a enorme variedade de línguas indígenas espalhadas pelo espaço geográfico nacional. Juntaram-se a elas, mais tarde, as diversas línguas africanas dos negros que eram distribuídos nas primeiras províncias brasileiras para execução do trabalho braçal. (SALLES *et al.*, 2004, p. 28)

Todavia, como podemos observar, não foi somente a cultura de fora, como as dos africanos que enriqueceu a língua portuguesa no Brasil, mas também a língua dos indígenas. Pois, como sabemos, quando Cabral chegou ao continente americano – exatamente aqui no Brasil – já existiam índios. E ao mesmo tempo que Cabral trazia os negros da África (povo que tinha uma cultura e uma língua própria) para escravizar aqui, logo foi instalado uma nova cultura sobre a já existente.

Assim, analisamos o processo da língua portuguesa no Brasil. Vimos que essa língua passou por modificações para se tornar o que é hoje. Hoje, ela é uma língua única, com especificidades diferentes, como não se encontra em outros países de língua portuguesa.

Porém, esse processo vem do princípio, cujas estruturas de língua abrange uma história no decorrer do tempo, desde os homens das cavernas até os dias atuais, e como a língua se formou foi um processo gradual.

Segundo Salles *et al.* (2004, p. 29) “Ora, sabemos bem que a relação entre história, história de língua e língua em si é complexa e se faz de forma lenta e gradual durante os processos de formação de identidade e nacionalidade”. Concordamos com as autoras quando dizem não ser fácil entender como se formou a língua, porque são envolvidos nesse processo a identidade e nacionalidade, e, ainda assim, torna-se complexo o entendimento a respeito da origem da nossa língua.



### 3. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA SURDO

Devemos observar que para se ter uma segunda língua, é preciso que se tenha como base uma primeira língua. E essa língua de base é aquela que dará todo suporte para o aprendizado das próximas línguas que o sujeito, tanto ouvinte quanto surdo, necessita saber para que a segunda língua possa então ser aprendida de forma menos difícil. Porém, o sujeito surdo tem uma cultura bilíngue pautada nos seguintes artefatos culturais: experiências visuais, linguístico, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais característicos da língua brasileira de sinais, a LIBRAS.

É através dessa língua que todo sujeito surdo poderá se expressar. Mas para que isso ocorra com sucesso, o sujeito surdo precisa dominar sua língua natural (que no caso é a língua de sinais) e somente assim ele poderá transmitir suas emoções, opiniões, valores, visão de mundo, etc. O surdo, por sua vez, precisa de antemão, desenvolver a língua oral, na qual ele está inserido, na forma escrita.

Há duas formas de aprender uma segunda língua. Vejamos na citação abaixo uma explicação a respeito da diferença entre uma e outra, como é que se aprende uma segunda língua, quais meios são esses.

Ao aprender o português do Brasil como uma nova língua, o aprendiz poderá fazê-lo em duas circunstâncias distintas: o português como língua estrangeira ou como segunda língua. Na primeira, trata-se de aprender português num país em que ele não seja língua nacional ou oficial. [...] Se o aprendiz for um dos cidadãos brasileiros que não têm o português como primeira língua, como os índios, alguns imigrantes e os surdos (falantes de LIBRAS), ele aprenderá o português como segunda língua. (SALLES *et al.*, 2004, p. 114)

O que podemos observar é que existem somente duas formas para aprender uma nova língua. E para isso é necessário que o sujeito já tenha como base a primeira língua, pois só assim ele conseguirá aprender uma segunda língua. E para os surdos o português passa a ser a segunda língua, principalmente na modalidade escrita. Logo estão descartamos o português para estrangeiro, uma vez que os surdos são de nacionalidade brasileira.

Para que os surdos possam compreender a estrutura linguística da língua na qual estão inseridos, é preciso que antes, ele domine a LIBRAS, pois será essa língua de sinais que dará todo suporte para que os surdos possam aprender o português como segunda língua de forma mais simples e eficaz.

O sujeito surdo está inserido na cultura ouvinte, porém ele tem que se adaptar a dois mundos diferentes, ao dos ouvintes e ao seu próprio, como dissemos anteriormente. Assim, a LIBRAS é uma língua que tem estrutura própria, ela não segue a mesma estrutura do português brasileiro, mas o surdo tem que usar o português brasileiro, no entanto, o surdo para escrever português necessita como base sua própria língua sinalizada para que ele possa compreender o mundo que está ao seu redor, o mundo da escrita em português.

Logo percebemos que para aprender uma segunda língua é necessário haver uma língua mãe, no caso do surdo brasileiro a língua natural, a LIBRAS. Assim, para o surdo aprender português, provavelmente, ele fará um paralelo entre a língua natural e a segunda língua – essa que ele está aprendendo para que o mundo possa “ouvi-lo” (grifo nosso). Também é a língua que ele precisará para se expressar na sociedade na forma escrita. É necessário que ele domine o português como segunda língua, já que o português brasileiro é a língua oficial do Brasil, país em que ele reside. Logo o sujeito surdo está inserido dentro de um universo no qual ele nasceu, mas não pertence ao mesmo de certa forma, pois vive em um mundo sem som. Como então, entender ou compreender o mundo dos sons?

### 3.1 Aquisição da linguagem

A pergunta é: como se dá a aquisição da linguagem em língua portuguesa para a comunidade surda através de língua de sinais? A resposta é simples, se dá usando os mesmos fatores como se faz nas línguas orais. Logo, a aquisição de línguas de sinais, se baseia no meio em que o sujeito surdo está inserido. Esses meios é que vão corroborar para o desenvolvimento cognitivo do ser humano, tanto nos sujeitos ouvintes quanto nos sujeitos surdos. Porém essa aquisição começa na infância.

Segundo Del Ré (2006, p. 19), “[...] a criança, simplesmente por viver num meio em que se fala uma determinada língua, começa a produzir sons dessa língua, a desenvolver e adquiri-la, e aos 3/4 anos já está com sua “gramática” quase completa”. Ou seja, para o sujeito surdo acontece da mesma forma, ele inserido na sua língua natural, inserido numa segunda língua. Outro fator importante é observarmos a questão da idade, pois ela é um ponto importante para que possamos aprender uma nova língua. Quanto mais cedo o ser humano estiver inserido naquela língua, mais rápido ele a aprenderá.

É importante que os surdos sejam inseridos o mais rápido possível numa segunda língua. O contato dele com uma nova língua fará com que ele a adquira o mais rápido possível. Lembramos que, a LIBRAS tem uma estrutura gramatical totalmente diferente da

língua portuguesa brasileira. E isso vale para qualquer língua oral. Pois, as línguas orais não necessitam seguir nenhuma relação gramatical (semântico, sintático, morfológico, ...) com as línguas de sinais que existem no mundo. Então, quanto mais rápido o sujeito surdo tiver contato com a língua oral (isso na modalidade escrita), melhor será para ele desenvolver a segunda língua como forma de expressão escrita. Isso também vale para a sua língua natural, é preciso que o surdo tenha contato o mais breve possível com a língua de sinais. O sujeito surdo precisa dominar sua língua para que possa compreender e aprender uma nova língua, principalmente, na forma escrita.

Segundo Salles *et al.* (2004, pp. 114, 115), aquisição de uma segunda língua para surdo deve ocorrer de duas formas: de forma formal – que é transmitida através da escola (ou qualquer outra instituição de ensino) -, e de forma informal – transmitida pela família, amigos, vizinhos, etc.. Com esses dois suportes, a criança ou o adulto terá contato com a língua na qual está inserido. É importantíssimo que todo ser tenha contato com uma língua, sendo ela materna ou não, para que possa se expressar.

### 3.2 Aquisição de L2 por surdos

No item anterior, vimos como o sujeito adquire uma língua, seja ela inata ou não. Faz-se necessário que o sujeito em questão esteja inserido na língua que será estimulada.

Para que o surdo aprenda uma nova língua, ele precisa estar inserido nessa mesma língua e isso vale para todas as línguas. O que vai diferenciar aqui é que o ser surdo tem como língua natural a língua de sinais, e o que ele aprenderá é uma língua oral auditiva, por mais que ele não oralize, mas por estar inserido na cultura ouvintista, o sujeito surdo necessita de uma modalidade de escrita do português como segunda língua, pois será através dela que ele vai interagir com o mundo a sua volta.

E há três formas de adquirir uma segunda língua. Quadros (1997, p. 83) afirma que “há basicamente três formas de aquisição de L2: (a) a aquisição simultânea de L1 e da L2; (b) a aquisição espontânea da L2 não simultânea e (c) a aprendizagem da L2 de forma sistemática”. Ou seja, é preciso que os sujeitos estejam inseridos no meio para que adquiram uma segunda língua.

Na citação abaixo, a autora explica como se adquire uma segunda língua:

No primeiro caso, a aquisição simultânea pode ocorrer com crianças que são filhas de pais que usam duas línguas diferentes ou usam uma língua diferente da língua usada na comunidade onde vivem. A forma em (b) pode ocorrer com pessoas que passam a morar em outro país onde é

usada outra língua. No item (c) descreve-se a situação de escolas de línguas estrangeiras, em que a diferença básica entre a aquisição da primeira língua – L1 – e a aquisição de uma segunda língua – L2 – relaciona-se com a forma como o indivíduo é exposto às línguas. (QUADROS, 1997, p. 83)

Observamos que quando os sujeitos são expostos às línguas, logo ele aprenderá uma segunda língua. Vimos que há três formas de adquirir uma segunda língua. De acordo com Salles *et al.* (2004, pp. 114, 115), essa segunda língua tanto pode ser adquirida por meios naturais ou por meios artificiais. O meio natural é quando o sujeito está convivendo diariamente com outra língua além da sua materna. E o meio artificial é através da escola ou qualquer outra instituição que oferece uma segunda língua.

A aquisição de uma segunda língua está mais relacionada com o contato que se tem da mesma. Para que isso ocorra, é necessário que os sujeitos em questão estejam sempre em contato com aquela língua, independente de ela ser uma língua oral ou gesto-visual. O surdo precisa ter contato com o português desde cedo para que suas habilidades cognitivas e expressivas sejam adquiridas o mais rápido possível como segunda língua. Como o surdo vive num mundo de ouvintes, pois a língua portuguesa brasileira é uma língua oral auditiva, o surdo precisa se adaptar a esse universo. No entanto, a comunidade surda é diferente da comunidade ouvinte, mas ambas necessitam andar lado a lado, e a língua os leva a isso.

A LIBRAS é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato com sinalizadores, sem ser ensinada, consequentemente deve ser sua primeira língua. A aquisição dessa língua precisa ser assegurada para realizar um trabalho sistemático com L2, considerando a realidade do ensino formal. A necessidade formal do ensino de língua portuguesa evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda. (QUADROS, 1997, p. 84)

Observamos que, para o surdo brasileiro a LIBRAS tem que ser sempre a língua natural dos surdos, pois é a melhor forma do surdo se expressar em sociedade. Mas ele não pode ficar sem o ensino de língua portuguesa escrita, visto que essa língua é a língua oficial do Brasil.

Logo, para que o surdo possa compreender o português, é preciso que ele domine a sua língua natural. A sua família exerce importância fundamental para que o sujeito surdo possa compreender o mundo a sua volta.

### 3.3 Fatores individuais para aprender uma segunda língua de acordo com Quadros (2012)

De acordo com Quadros (2012, pp. 85, 86, 87), há vários fatores para aprender uma nova língua quando esta não vem de forma natural, ou seja, quando não é inata. Quando os sujeitos surdos estão expostos a uma outra língua e para que o mesmo possa adquiri-la, é preciso que haja fatores estimuladores que o conduzam à aprendizagem. Esses fatores são: motivação, aptidões, estratégias de aprendizagem e idade.

Todos esses pontos são de suma importância para que o surdo aprenda o português. Como é uma língua oral auditiva, o surdo por não ouvir, pode encontrar algumas barreiras. Para isso, é preciso que o surdo tenha muitos estímulos. Todos esses pontos servem como uma ponte para o aprendizado pelo sujeito surdo do português como L2.

#### Motivação

É importante que o surdo tenha ajuda de todos que o rodeiam. Se for em casa, dos pais e familiares. Se for na escola, do (s) professor (es) e de todo o corpo que compõe aquela instituição.

Há algumas implicações no ensino que são determinadas pelas motivações dos alunos para aprender uma nova língua. por exemplo, é importante que o professor reconheça a variedade e natureza das motivações dos alunos. O professor precisa então, trabalhar com materiais que vão ao encontro da motivação dos alunos. (QUADROS, 2012, p.85)

O professor tem papel fundamental no ensino de língua portuguesa como L2 para o surdo. O professor precisa conhecer o seu aluno surdo, pois só assim ele conseguirá passar um bom ensino do português. É preciso que não só o professor, mas também toda a instituição onde está inserido o surdo, conheça o alunado. Porque somente assim ele entenderá quais são as dificuldades do aluno surdo e poderá trazer estímulos e motivar aquele aluno a aprender uma nova língua. Como sabemos, a estrutura do português não segue a mesma estrutura da LIBRAS. Porém, o surdo tem que aprender o português na modalidade escrita para se expressar.

Focamos a motivação na escola porque é através dela que o sujeito aprende a norma culta da língua. Como percebemos, a escola tem um papel fundamental na educação de segunda língua para o surdo. Também temos que observar que não é só função do

professor (mesmo ele sendo o dotado de todo conhecimento linguístico) passar esse conhecimento para o surdo, mas também da escola, pois a escola tem que abraçar o aluno.

### Aptidões

Para as aptidões é necessário que o professor conheça cada aluno individualmente, pois cada aluno tem uma forma de aprender uma segunda língua. No caso da LIBRAS a estratégia com o surdo tem que ser abordada de forma diferente, porque está ensinando uma língua oral a um sujeito que não escuta.

As aptidões tem que ser observadas com cautela, e só assim o ensino de L2 será ensinado. Segundo Quadros (2012), compreendemos que:

Há alunos que tem uma memória muito boa, eles conseguem guardar informações que facilitam a aprendizagem dos aspectos gramaticais da nova língua. Há alunos que são mais analíticos e isso também favorece a aprendizagem de aspectos gramaticais, mais do que os alunos de boa memória. Por outro lado, há alunos que são essencialmente comunicativos. Diante desses diferentes casos, os professores precisam adequar as formas de ensino para aproveitar estas aptidões. Agrupar os alunos de acordo com suas habilidades pode favorecer o uso de estratégias de ensino que permitam explorar estas aptidões para o desenvolvimento mais eficaz da segunda língua. (QUADROS, 2012, p. 86)

É fato que o professor realmente deve observar o seu aluno, um por um. Quando se trata de ensino de segunda língua, o foco tem que ser maior, pois está ensinando uma língua que não é natural para aquele aluno. Porque como observamos na citação acima, existem alunos de todos os níveis. Há os que aprendem rápido, mas também há os que têm dificuldade em aprender, isso não quer dizer que não irão adquirir aquela língua, mas que é um pouco difícil de ser absorvida pelo aluno.

### Estratégias de aprendizagem

Temos que perceber que cada aluno tem uma estratégia para aprender uma segunda língua. E é função do professor identificar as diferenças e desenvolver estratégias para o aluno aprender uma nova língua. Ao observar alunos, o professor deve encontrar uma forma de como transmitir essa segunda língua. Por exemplo: “desenvolver a L2 como um sistema separado da primeira língua (procurar usar L2 sem misturar com L1)” (QUADROS, 2012, p. 86). Ou seja, para o surdo, é preciso que ele já tenha dominado sua

língua natural – LIBRAS -, e então, sendo assim, ele poderá aprender o português como segunda língua. Tendo dominado a estrutura de sua língua natural, torna-se mais fácil o ensino de português como L2 para o surdo. Logo essa estratégia pode ser uma boa opção para o surdo aprender a segunda língua.

## Idade

Agora, temos um fator importante para o aprendizado da segunda língua. A idade é um dos pontos fundamentais para aprender uma segunda língua. Como já sabemos, quanto mais cedo for o contato com outras línguas, mais rápido nós aprenderemos. Há pesquisas que mostram que quanto mais cedo a criança tem contato com línguas, mais dispostas elas estarão para aprender. E o surdo precisa ter contato o mais cedo possível com a língua natural e, também, com a segunda língua, no caso dos surdos brasileiros, a língua portuguesa.

Como a idade influencia na aprendizagem, a aprendizagem ocorre através de dois fatores: (a) a hipótese do período crítico e (b) ensino por imersão (QUADROS, 2012, pp. 87 - 90). Na hipótese do período crítico, as pesquisas dizem que há um tempo determinado para aprender uma segunda língua. Já no ensino por imersão, é quando o aluno está dentro do universo da outra língua. Nesse último, torna-se mais fácil para o aluno adquirir uma segunda língua, porque estará rodeado pela cultura daquela língua. Logo percebemos que quando está inserido em uma língua, o aprendizado de segunda língua passa a ser mais fácil e mais eficaz. Isso vale também para as crianças surdas que precisam aprender o português como segunda língua. Porém, quando os pais são ouvintes, acaba atrapalhando o desenvolvimento natural da L1.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se caracteriza numa pesquisa que foi realizada a respeito do ensino de português para surdos. Nele pretendemos analisar qual é a ligação de LIBRAS e português no ensino de português para surdo. É uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, ou seja, uma análise da qualidade do ensino de português para surdo. A pesquisa foi feita através da observação em sala de aula, tanto na sala de aula regular quanto na sala de aula de recursos (onde o aluno surdo tem apoio no ensino de português). Além da observação aplicamos questionários aos participantes da pesquisa. O objetivo da pesquisa é analisar se o ensino de português para surdo está sendo transmitido de forma que o aluno surdo possa absorvê-lo de uma maneira mais compreensível.

O local da pesquisa foi uma escola municipal da rede pública da cidade de Bayeux – PB. Por motivos éticos não vamos mencionar nomes no trabalho. Ao invés disso, vamos chamar os sujeitos envolvidos na pesquisa como: **Professora 1** (professora regular), **Professora 2** (professora da sala de recursos), **Intérprete 1** e **Surdo 1**.

Como mencionamos acima, a escola onde ocorreu a pesquisa, é uma escola da rede pública da cidade de Bayeux – na grande João Pessoa, capital da Paraíba. É uma escola pequena, contém seis salas de aula e uma sala extra, que é a sala de recursos. É na sala de recursos que o surdo tem apoio no ensino de português, não como um complemento do conteúdo que o surdo teve na sala de aula, mas sim um assunto à parte em forma de alfabetização e letramento. Essa sala de recursos, além de dar suporte ao surdo da escola, ela também serve para todos os alunos que apresentam deficiência e que estudam na escola.

A Professora 1 tem Magistério e curso superior em Educação Artística (UFPB). Atua no magistério há 21 anos. Professora concursada da rede pública de Bayeux, do turno diurno.

A Professora 2 tem superior em Pedagogia (UEPB) e fez especialização em Educação Inclusiva. Trabalha na área há 5 anos, e fica integralmente na escola. Está com o Surdo 1 há quase um ano (desde o início de 2019). Baseado em seus relatos, a mesma nos disse que houve um progresso significativo por parte do aluno– do início do ano até os dias da observação - nas aulas que o surdo 1 passou a ter na sala de recursos.

A Intérprete 1 tem formação superior em Letras-Libras (UFPB). Trabalha na área há 4 anos e 4 meses. Trabalha em Bayeux há dois anos. Esse é o primeiro ano com o Surdo



1. Assim como a Professora 2 nos falou, a Intérprete 1 nos disse que o Surdo 1 evoluiu bastante no aprendizado de português.

O Surdo 1 tem 16 anos, está no 4º ano do ensino fundamental. Ele era aluno do EJA, numa escola anterior a essa no período da noite. Todavia, a mãe dele conversou com o diretor da escola para que ele pudesse estudar pela manhã, mesmo fora de faixa. Ele recebe apoio da FUNAD-PB (Fundação Nacional de Apoio às Pessoas com Deficiência da Paraíba). As aulas na FUNAD, como aula de apoio, ocorrem na segunda e na quarta-feira, à tarde. O nível de surdez do pesquisado é moderado, estando de aparelho auditivo, mas sem aparelho, ele tem surdez profunda (ver gráfico). Ele não é totalmente surdo, se estiver com o aparelho auditivo do lado esquerdo. A audição do lado direito é totalmente comprometida. Está na escola há 6 meses. Reside em Bayeux, mesmo bairro em que se encontra a escola.

O intuito do trabalho, como já foi relatado, é observar o ensino de língua portuguesa para surdo como L2. É nessa análise que veremos como os professores transmitem os conteúdos da língua portuguesa para o sujeito surdo.

Foram aplicados quatro questionários, um para cada sujeito mencionando nessa pesquisa. Aplicamos os questionários aos investigados para analisar se o que estávamos observando em sala de aula condizia com o que as professoras escreveram nos questionários. Fizemos um questionário para a Intérprete 1 e para o Surdo 1 para que eles pudessem opinar a respeito do que estavam percebendo. O questionário do Surdo 1 também é de grande importância, pois ele como sujeito ativo da pesquisa e sujeito principal, tem sempre um retorno a nos dar. Uma vez que é ele o ser que recebe todo conhecimento passado pelas professoras (1 e 2) e pela intérprete 1.

Nos quadros abaixo, veremos as perguntas dos questionários que foram aplicados aos quatro sujeitos envolvidos na pesquisa. Algumas perguntas foram iguais para a Professora 1, a Professora 2 e para a intérprete 1, exceto para o Surdo 1. A quantidade de perguntas foi diferente para os envolvidos na pesquisa. Algumas perguntas foram exclusivas para o sujeito investigado.

Questionário aplicado à Professora 1:

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1) Você sabe língua de sinais?</li><li>2) Você se sente preparada para trabalhar com alunos surdos?</li><li>3) Como se dá o ensino de português para surdo na modalidade escrita?</li></ol> |
|---|

- 4) Que tipo de recursos visuais são utilizados para essa aprendizagem?
- 5) Como você diferencia a aprendizagem de alunos ouvintes e do (s) aluno (s) surdo (s) na disciplina de português?
- 6) A seu ver, qual(uais) ponto(s) positivo(s) você vê na aprendizagem de língua portuguesa por parte do (s) surdo (s)?
- 7) Como você se comunica com os alunos surdos que tem em sua sala de aula?
- 8) Na sua avaliação pessoal, seu aluno surdo consegue acompanhar os conteúdos ensinados?  
( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes
- 9) Você faz atividades e avaliações diferenciadas para seu aluno surdo e seus alunos ouvintes?  
( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes
- 10) Caso as atividades sejam diferenciadas, o que é feito de diferente?

Quadro 1

## Questionário aplicado à Professora 2:

- 1) Qual o seu nível com a língua de sinais?
- 2) Qual metodologia você usa para melhorar o ensino de português que o aluno surdo tem na sala regular?
- 3) Quais dificuldades você encontra na hora de mediar esses conteúdos?
- 4) Quais sugestões você daria para a melhoria do ensino de português para surdo?
- 5) Quais resultados você tem a contar sobre a evolução do surdo nessa mesma disciplina do início do ano até agora?
- 6) Que tipo de recursos visuais são utilizados para essa aprendizagem?
- 7) A seu ver, qual (uais) pontos positivo (s) você vê na aprendizagem de língua portuguesa por parte do (s) surdo (s)?
- 8) Com suas palavras, comente um pouco sobre a eficácia desse ensino de português para surdo na sala de recursos.

Quadro 2

## Questionário aplicado à Intérprete 1:

- 1) Qual metodologia você usa para mediar os conteúdos (português)?
- 2) Quais dificuldades você encontra na hora de mediar esses conteúdos?

- 3) Quais sugestões você daria para a melhoria do ensino de português para surdo?
- 4) Quais resultados você tem a contar sobre a evolução do surdo nessa mesma disciplina do início do ano até agora?
- 5) Você como intérprete, como você passa o português para surdo na modalidade escrita?

Quadro 3

#### Questionário aplicado ao aluno surdo

- 1) Desde quando você usa a LIBRAS?
- 2) O que a LIBRAS significa para você?
- 3) Quais dificuldades você tem na aprendizagem de língua portuguesa?
- 4) Quais materiais de apoio você teve (tem) na sua aprendizagem de língua portuguesa?
- 5) Para você, como se daria, de forma melhor, o uso de língua portuguesa?
- 6) Quais pontos positivos você tem a nos dizer com a metodologia desse (a) professor (a):  
Professor (a) na sala regular:  
Professor (a) na sala de recursos:
- 7) Que tecnologia você usa hoje para aprimorar o português na modalidade escrita?

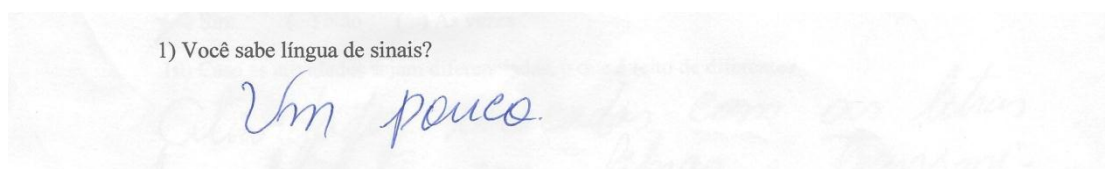
Quadro 4

Através dos questionários aplicados, expusemos as perguntas que foram feitas para os sujeitos da pesquisa. No tópico seguinte, debateremos sobre cada resposta dada pelas pessoas pesquisadas. Logo, convidamos, você – leitor - para passear pelo nosso texto e descobrir um pouco mais sobre as formas mais adequadas de transmissão do conteúdo da língua portuguesa para surdos.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos questionários e da observação das aulas de português durante uma semana em que estivemos na escola, teceremos comentários sobre as atividades dadas e sobre o domínio das professoras com a língua de sinais (LIBRAS) e, como elas, enquanto professoras se portam perante essa língua para que possam ensinar português para o surdo na modalidade escrita.

Abaixo veremos as respostas para as perguntas feitas aos envolvidos na pesquisa. Contudo, selecionamos as respostas mais relevantes que condizem com o objetivo da pesquisa. Começaremos analisando a primeira pergunta da Professora 1 (professora da sala regular). Pretendíamos com esta pergunta saber se a professora 1 sabia se comunicar em LIBRAS. Vejamos sua resposta:



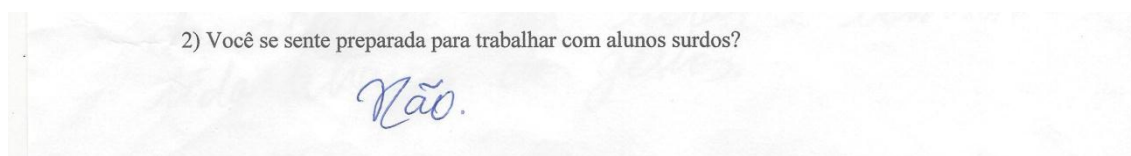
Como percebemos a professora da sala regular sabe um pouco de LIBRAS, logo vemos que esse pouco é importante para que ela perceba o seu aluno surdo. A professora tendo um pouco de domínio da língua, fará com que o surdo possa se sentir abraçado pela mesma.

Mesmo com pouco domínio da língua de sinais e conhecendo um pouco da estrutura dessa língua, mas dominando o português, tornar-se-á mais fácil para o professor ensinar língua portuguesa para o surdo. Assim, vemos na citação que:

Quando os professores sabem mais sobre aquisição/aprendizagem da segunda língua, eles passam a contar com informações que podem ajudá-los a pensar sobre sua experiência de ensino de línguas. O ensino pode sofrer efeitos de vários fatores. (QUADROS, 2012, p. 84)

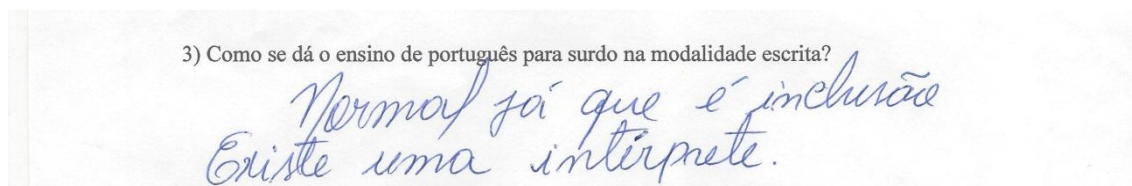
Portanto, o professor, por dominar a sua língua, conseguirá passar o conteúdo com eficácia para o aluno surdo, todavia é fundamental que ele compreenda algo da estrutura da língua natural do surdo.

Agora partiremos para a segunda pergunta.



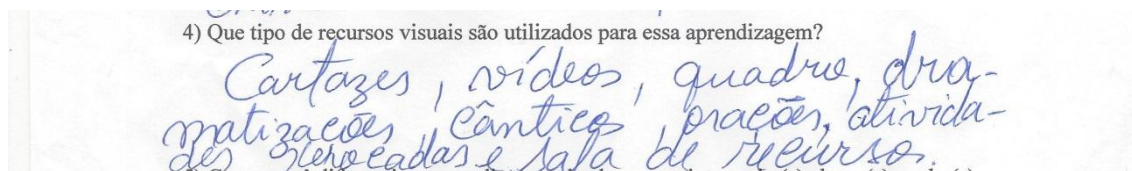
A pergunta aplicada à Professora 1 foi: você se sentia preparada para trabalhar com alunos surdos? Sua resposta foi, NÃO (grifo nosso). É importante que quando se fala de inclusão, o professor (e todo corpo da escola) seja capacitado para lidar com alunos com deficiência, nesse caso, o surdo que há em sua sala de aula.

A seguir, ao perguntarmos à Professora 1 como se dá o ensino de português para o surdo na modalidade escrita. Ela respondeu de forma neutra, sem dar muito ênfase ao ensino de língua portuguesa como L2 para o surdo de sua classe.



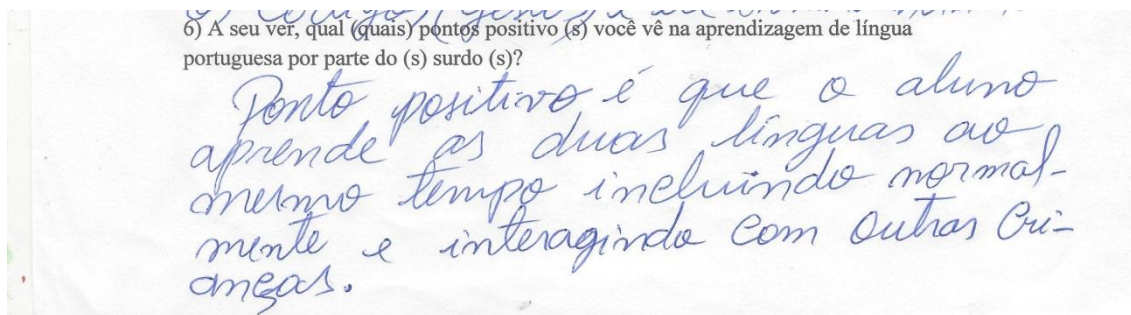
O que podemos ver é que ela diz que é normal, mas o que seria esse normal? Outra coisa é que ela justifica que esse ensino por ser normal tem uma intérprete. Porém, temos que saber que é função do professor transmitir o conhecimento de português como L2 e não do intérprete de língua de sinais que há em sala de aula, pois a função do intérprete é somente intermediar o conteúdo entre professor e aluno.

A próxima pergunta foi sobre os recursos visuais que a Professora 1 usa para que o aluno surdo se sinta incluído em sala de aula.



Este é o fator principal no ensino para surdo, não só no ensino de português, mas no ensino como um todo, principalmente se for no ensino de língua(s). É necessário que o professor de sala de aula, recorra aos recursos visuais para que o surdo possa compreender melhor o que está sendo transmitido em sala de aula. Tudo que foi citado na resposta da professora é de suma importância para que o surdo possa aprender o português como segunda língua de forma eficaz, pois até o quadro-branco (foto 1) é uma forma de recurso visual para o ensino de português para o surdo. Também observamos que a professora passou um vídeo (foto 2) na aula em que estávamos observando. Também foram passadas muitas atividades no livro (foto 3). A Professora 1 nos falou sobre a sala de recursos, mas esse é um tema que abordaremos mais adiante.

A pergunta seguinte se trata sobre os pontos positivos no ensino de língua portuguesa para surdo. A Professora 1 deu sua visão pessoal a respeito do que ela acha sobre esse ensino. Vejamos:



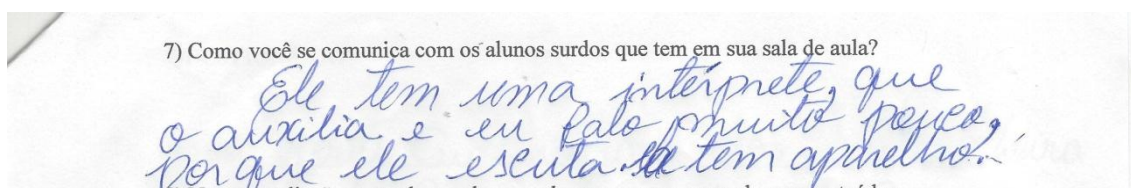
Como vimos, ela diz que é importante porque o aluno surdo aprende duas línguas ao mesmo tempo. Sim, sabemos que isso é possível, porque ele está exercitando as duas línguas.

Segundo Quadros e Schimiedt (2006):

O ensino de português pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira – “a” língua da criança surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente um transferência de conhecimento da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados. (QUADROS; SCHIMIEDT, 2006, p. 24)

Logo percebemos que a visão da Professora 1 em unir as duas línguas é importante para o aprendizado do surdo. Vemos que não é só uma questão de ensinar português como segunda língua, mas sim, uma questão da inclusão de línguas, e também é uma questão de inclusão do aluno surdo com os alunos ouvintes. Dessa forma, o português do surdo será mais eficaz, pois o mesmo precisa estar inserido na comunidade ouvinte para que possa compreender como adquirir uma segunda língua de forma simples e eficaz.

A pergunta seguinte é sobre como a Professora 1 se comunica com o surdo da sua sala de aula. Como ela mesma disse, sabe um pouco de LIBRAS.



É importante que o professor de sala de aula saiba LIBRAS para que ele se comunique com o surdo. Assim, é como se fosse uma troca de conhecimento, a Professora 1 aprende LIBRAS; o surdo, português. E mais uma vez a professora fala da presença da intérprete como uma forma de mediar os diálogos, além da aula.

Para finalizar o questionário da Professora 1 veremos duas perguntas que se complementam:

9) Você faz atividades e avaliações diferenciadas para seu aluno surdo e seus alunos ouvintes?

☒ Sim    ( ) Não    ( ) Às vezes

10) Caso as atividades sejam diferenciadas, o que é feito de diferente?

*Atividades xerocadas com as letras do alfabeto em libras e transmitida através de gestos.*

A Professora 1 mais uma vez reforça que o uso de recursos visuais é importante para que o aluno surdo possa compreender a aula que está sendo aplicada. Porém, quando estávamos observando não vimos o uso dos recursos visuais em sala.

Avaliaremos, a seguir, as respostas da Professora 2 (professora da sala de recursos) e assim poderemos fazer uma pequena comparação no ensino de português como segunda língua para surdo. Lembremos que, a sala de recursos é sala que se propõe ajudar no ensino de alfabetização e letramento para a pessoa surda, e não um ambiente que complementa os conteúdos dados na sala regular.

Em algumas respostas da Professora 2, usaremos a sigla SRM que significa Sala de Recursos Multifuncional, pois é uma sala que dá suporte a todos os alunos com deficiência que existem na escola.

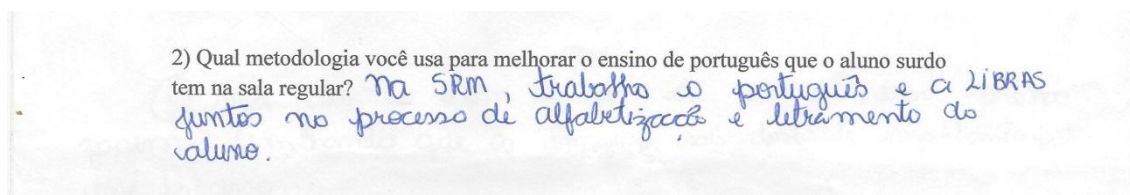
Imaginamos que a professora da Sala de Recursos saiba LIBRAS por estar dando suporte ao aluno surdo, mas mesmo assim fizemos uma pergunta para saber o seu nível em língua de sinais.

1) Qual o seu nível com a língua de sinais? *Estou concluindo LIBRAS II no CRIS de Bayeux, e no curso de Extensão de LIBRAS II na UFPB.*

O que podemos observar é que a Professora 2 tem domínio da LIBRAS, pois é importante que se tenha o mínimo de conhecimento possível para que possa entender quais são as dificuldades enfrentadas pelo surdo na aquisição da L2, e também para que ela possa compreender e transmitir conhecimentos para o surdo, logo, ela não precisa, necessariamente, de intérprete em sala. Outro ponto que podemos também perceber é que a Professora 2 se esforça ao máximo para estar sempre em contato com a língua de sinais, fazendo cursos de LIBRAS, um no CRIS (Centro de Referência de Inclusão Social) e outro de extensão, na UFPB.



Partiremos agora para a segunda resposta da Professora 2. A pergunta se refere qual metodologia a professora usa na sala de recursos para o ensino de L2.

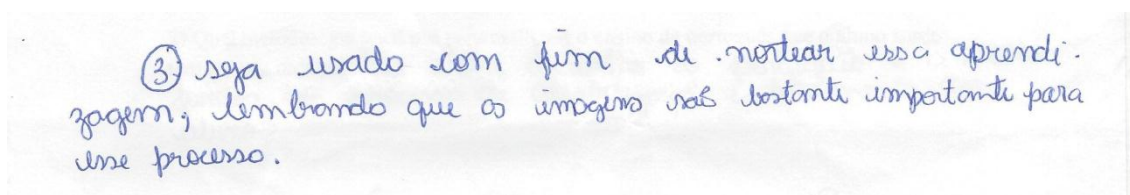
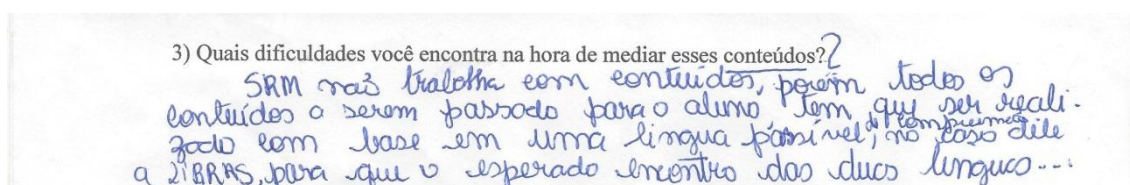


Como vemos, na sala de recursos a Professora 2 trabalha o português com a LIBRAS. Com essa junção, ela trabalha no processo de alfabetização e de letramento do aluno surdo. A professora faz atividades (foto 4) em que o aluno pode aprender as duas línguas ao mesmo tempo. É necessário o surdo ter a aquisição das duas línguas, e o melhor é que ambas possam estar juntas para que o processo de adquirir a segunda língua seja mais eficaz.

O surdo tem como língua natural LIBRAS, porém, mesmo assim, ele precisa ter aulas de LIBRAS para que se aperfeiçoe sua língua natural, visto que é uma língua dinâmica e em constante mudanças. Logo, o ensino de português é mais intenso, pois é o ensino de segunda língua para o sujeito surdo da pesquisa.

Passamos para a terceira resposta da pergunta que selecionamos como importante para a pesquisa. O objetivo da pergunta é saber as dificuldades que a Professora 2 tem na hora de mediar os conteúdos dados na sala de recursos.

Os fragmentos abaixo são respostas referentes a mesma pergunta.

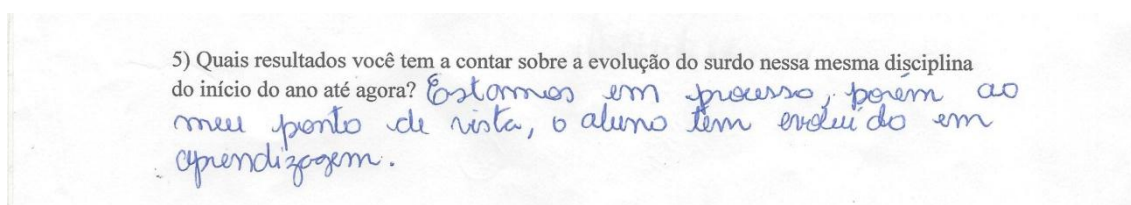


Como já falamos, SRM não trabalha os conteúdos que o aluno acabou de ver em sala de aula, como também a SRM não é um local onde o aluno terá aula de reforço dos assuntos vistos em sala de aula. A SRM é um local que tenta perceber as dificuldades do aluno, e ao perceber tais dificuldades, começa uma abordagem. No caso do aluno surdo, o conteúdo é passado como processo de alfabetização e letramento – como vimos no item anterior -, pois a Professora 2 desenvolve as atividades de acordo com a realidade do



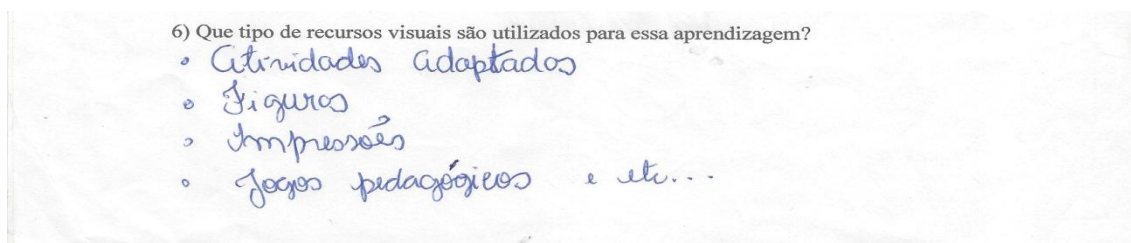
aluno, uma realidade linguística, pedagógica e familiar. Como podemos observar, na SRM não só há o ensino de português para o surdo, mas também o ensino de LIBRAS, porque é importante que o surdo entenda sua língua natural para que ele possa entender a segunda língua. E mais uma vez vemos que o uso de recursos visuais (as imagens citadas pela Professora 1) é fundamental para o aprendizado do sujeito surdo.

A próxima pergunta foi feita para saber qual a evolução do aluno surdo do início do ano (fevereiro 2019) até o momento atual (julho 2019) da pesquisa. Vejamos a resposta da Professora 2.



Observando a resposta da Professora 2, ao seu ver, houve um grande avanço durante a permanência e frequência do surdo na sala de recursos. Mesmo estando em processo de aprendizagem, temos que levar em consideração que o ensino de língua é um processo diário e infinito, o surdo conseguiu fazer pequenas evoluções que para a Professora 2, é um grande passo. Pois, ela nos disse que o aluno surdo quando chegou na sala de recursos nada entendia, nem a língua natural (LIBRAS) e nem o português (modalidade escrita). Por isso, ela trabalha com a alfabetização e o letramento na Sala de Recursos com o surdo, porque ele precisa entender a sua língua natural para que, somente depois, compreender a segunda língua (o português).

E para encerrarmos as respostas do questionário da Professora 2, fizemos uma pergunta para saber quais eram os tipos de recursos visuais que ela usava para transmitir os conteúdos, ligados tanto a LIBRAS quanto ao português como segunda língua, para o surdo. Sua resposta foi praticamente igual a da Professora 1, vejamos:



As atividades adaptadas (foto 5) que a Professora 2 se refere são as atividades que são feitas para alunos ouvintes e ela adapta para a dificuldade do surdo. Já as figuras (foto 6) são atividades que tem os bonequinhos fazendo em LIBRAS o sinal da palavra em português. Quanto as impressões (foto 7) são as atividades em geral que ela xeroca para o

ensino de LIBRAS e de português. Os jogos pedagógicos (foto 8) são uma maneira que a Professora 2 achou para ensinar de forma lúdica ao surdo. Ela acredita que se aprende brincando. Também nos relatou dizendo que algumas atividades parecem meio bobas para a idade do surdo (já que ele tem 16 anos), mas pra um surdo que adquiriu há pouco tempo a LIBRAS, essas atividades foram uma saída para que o aluno surdo pudesse aprender tanto a língua de sinais quanto o português. Segue em apêndices todas as atividades relatadas neste item.

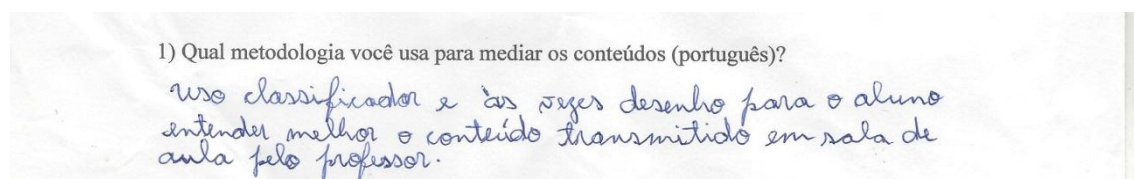
Agora, vamos debater sobre as respostas da Intérprete 1. Um intérprete de LIBRAS tem papel fundamental na mediação de duas línguas, a língua portuguesa e a língua de sinais e vice-versa, ou seja, ele está entre o professor e o aluno. O papel de um intérprete é mediar os conteúdos dados pela professora em sala de aula para o(s) surdo(s). O intérprete também é importante para o desenvolvimento do aluno surdo, pois sem o auxílio dele seria quase impossível o surdo compreender o mundo a sua volta em sala de aula.

Segundo Marques e Oliveira (2009):

Ser intérprete de Língua de Sinais é muito mais do que ser identificado pela língua que fala, muito mais do que estar presente nas comunidades surdas ou ainda estabelecer um elo entre mundos linguísticos diferentes. (MARQUES; OLIVEIRA, 2009, p. 396)

Logo, vemos que o ser intérprete vai muito além de conhecer as duas estruturas linguísticas em que ele faz ponte entre o professor ouvinte e o aluno surdo. A função intérprete faz criar elos com o aluno surdo, pois passam muito tempo juntos e dessa forma, criam uma relação afetiva que vai além da transmissão de conhecimento linguístico.

Fizemos a pergunta sobre qual metodologia ela utiliza com o surdo para que ele compreenda o conteúdo da disciplina Português e sua resposta veremos abaixo.



Observamos que ela usa também de recursos visuais através de desenhos e, fazendo dessa forma, o aluno surdo poderá ter um entendimento melhor do assunto abordado. Outro elemento a ser usado pela Intérprete 1 é o uso de classificadores (são gestos que usamos como marcadores de concordância de gênero: pessoa, animal, coisa).

Na próxima pergunta, a Intérprete nos deu a resposta que se referia as dificuldades enfrentadas na hora de mediar esses conteúdos.

2) Quais dificuldades você encontra na hora de mediar esses conteúdos?

*A falta de recursos visuais e uma metodologia adaptada para o aluno.*

Diferentemente do que a Professora 1 e a Professora 2 nos relatou, a Intérprete 1 acredita que faltam mais recursos visuais e mais atividades adaptadas em sala de aula. Durante a entrevista informal ela nos relatou que confecciona algumas atividades visuais para auxiliar na mediação do ensino de L2. Ela também nos informou que não opina na aula das Professoras (1 e 2) durante o ensino ao surdo.

E para finalizar a análise das respostas da Intérprete 1, fizemos uma pergunta a respeito de como ela passa o português para o surdo na modalidade escrita. Vejamos sua resposta.

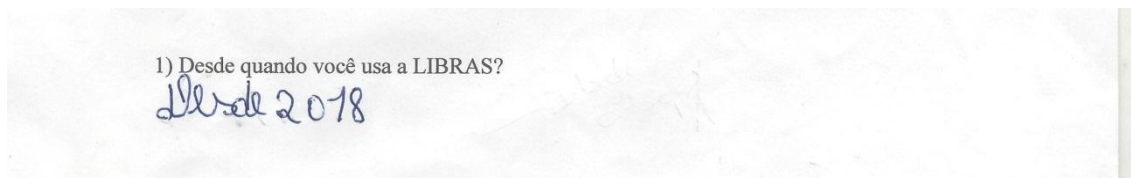
5) Você como intérprete, como você passa o português para surdo na modalidade escrita?

*Através da datilologia e às vezes ele diz a resposta oralmente e construa em Língua Portuguesa e ele reproduz o que copio. A escrita individual ainda está sendo trabalhada, pois até então em outras séries só copiava o que lhe era pedido por meio de quadro e livro e não fazia por conta própria...*

Como já sabemos, o português na modalidade escrita é de grande importância para o surdo, pois é através dele que o mesmo compreenderá o mundo escrito à sua volta, e também é através dele que o sujeito surdo poderá expressar suas ideias, opiniões, etc. por escrito, responder e preencher formulários.

Observamos que o método a ser usado pela Intérprete 1 é a datilologia – palavra digitalizada no espaço à frente do corpo do falante em LIBRAS utilizando o Alfabeto Manual -, sendo assim, esse recurso visual faz com que o surdo veja a letra que está sendo mostrada e, assim, passa-a para o caderno. Outra ponto importante a ser ressaltado na resposta da Intérprete 1 é quando ela diz sobre a escrita individual do aluno surdo, ou seja, ela não está focando muito na escrita como ensino, mas sim na escrita como mensagem a ser transmitida pelo surdo. Foram importantes para nossa pesquisa as respostas dadas pela Intérprete 1.

As respostas a seguir são do questionário que fizemos ao Surdo 1, pois queríamos saber sua visão a respeito do que lhe é ensinado. A primeira pergunta foi para saber a partir de que ano ele passou a usar a LIBRAS.

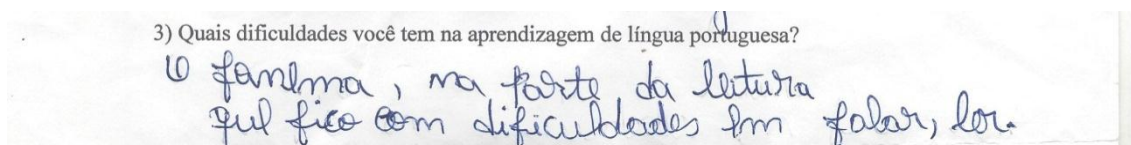


Vemos que o acesso à Libras foi tardio, e com isso trouxe muitos atrasos para o desenvolvimento da língua de sinais para o surdo e, conseqüentemente para a aprendizagem do português. Antes do ano 2018 o surdo usava sinais caseiros, esses sinais são sinais criados para o ouvinte se comunicar com o surdo e vice-versa, não é considerado sinais pertencentes à LIBRAS.

O que observamos é que o surdo tem menos de dois anos de contato com a LIBRAS, logo, isso prejudicou o ensino de português como segunda língua, como foi citado neste trabalho, é necessário que se domine uma língua para que se possa compreender outras. Assim, vemos o quanto foi difícil para o Surdo 1 estar incluído na sociedade, na escola, ou até mesmo na família. Pois, quanto mais rápido for a aquisição de uma língua, melhor será para o sujeito usuário dessa língua.

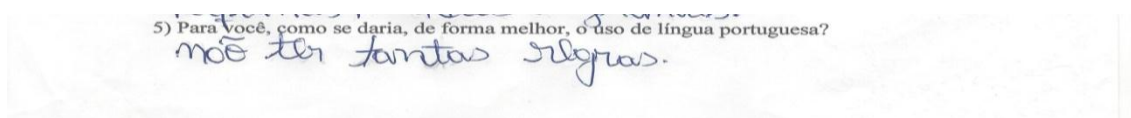
Quadros (2012, p. 87) fala que “a idade é um dos fatores que pode influenciar a aprendizagem de uma língua”, ou seja, quanto mais cedo melhor para aprender a língua que o sujeito está exposto. Reforçando o que as autoras dizem, Del Ré (2006, p. 19) afirma que a idade é fundamental para esse aprendizado: “[...] e aos 3/4 anos já está com sua “gramática quase completa””, logo percebemos que a idade é um fator primordial para adquirir a faculdade da linguagem. É nesse período que uma criança começa a aprender a formar frases completas. Porém, se com o Surdo 1 não aconteceu dessa forma, para ele tudo se tornou tardio, pois ele só veio usar a LIBRAS aos 15 anos, numa fase em que suas funções cognitivas já estavam formadas.

A próxima resposta é a respeito das dificuldades enfrentadas por ele na hora de aprender a língua portuguesa.



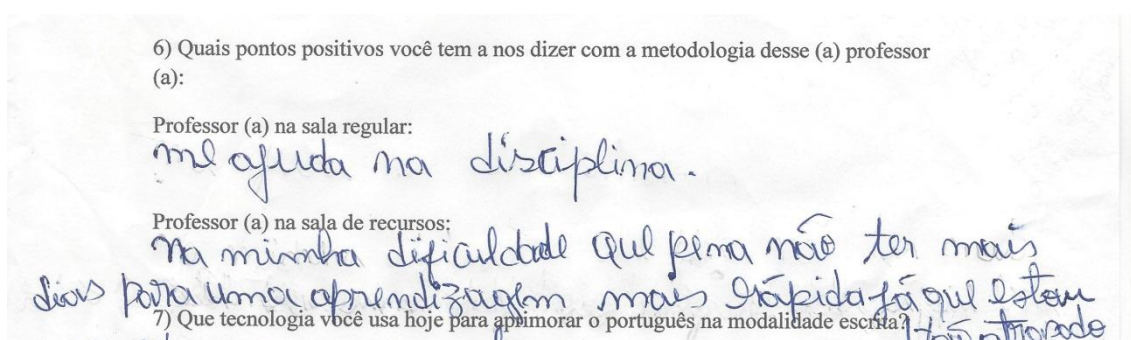
Essa resposta é quase um complemento da análise anterior. O que podemos perceber é que, a dificuldade maior do Surdo 1 é na parte de leitura, ou seja, ele não reconhece alguns fonemas no momento que passa a ler textos. Com isso percebemos o quanto a idade é importante no aprendizado do aluno, principalmente se ele for surdo, pois sua vivência é distinta dos ouvintes.

A resposta seguinte foi sobre a melhor forma para aprender português.



Notamos o quanto é difícil a quantidade imensa de regras que o português possui, e para um sujeito surdo torna-se pior, pois o mesmo, por não escutar, não consegue compreender o uso dos fonemas – por exemplo, os dígrafos. Assim, para ele é complicado aprender português escrito, visto que, a língua portuguesa é fonética.

E para finalizar, fizemos uma pergunta para que o Surdo 1 nos dissesse quais pontos positivos ele ver no ensino de português dado pela Professora 1 (professora da sala regular) e pela Professora 2 (professora da sala de recursos).



Como percebemos, na resposta sobre sala regular ele diz que a professora o ajuda na disciplina, como se fosse algo normal que todos os professores fazem a todos os alunos.

Já na sala de recursos, ele diz que a professora o ajuda nas suas dificuldades de aprender ambas as línguas – LIBRAS e português. Outra coisa que ele aborda é a quantidade de dias em que ele vai para a sala de recursos (acontece na segunda e na quarta). Como o mesmo disse, é preciso ter mais dias para que ele pudesse desenvolver as línguas ensinadas. E mais uma vez ele relata o atraso com relação a aquisição da LIBRAS, principalmente.

Chegamos ao fim das análises, baseados nas respostas dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Com essas respostas, tivemos uma noção de como está sendo o ensino de português para o surdo e podemos ver as dificuldades enfrentadas pelos docentes e intérprete (dessa pesquisa) para um ensino de qualidade e as dificuldades no ensino do sujeito surdo.

Vimos que o ensino de português requer investimentos (financeiro, psicopedagógico, familiar, escolar, social) de todas as partes, e que o surdo precisa de todo apoio possível, seja, do Estado, da escola e da família. Esse apoio é fundamental para que o surdo possa aprender o português de forma simples e eficaz.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que há uma diferença grande em se tratando de língua escrita e de língua oral, pois elas não estão no mesmo nível quando nos referimos a língua como ação ativa. A língua tem suas especificidades e, a LIBRAS segue nesta mesma linha, porque a língua brasileira de sinais também tem sua própria estrutura. Logo o surdo transita por duas estruturas diferentes e precisa aprender a usá-las da melhor forma possível.

Sabemos que todo país tem sua língua oficial e que essa língua é registrada e ensinada nas escolas para que os alunos possam aprender a norma padrão de sua língua. Porém, há também a língua falada pelo povo - a língua oral - e é ela que faz com que a língua não morra! A língua é isso: é vida!

Analisando os resultados, observamos que para o ensino de língua portuguesa como L2 para surdo, ser de qualidade, é preciso que haja apoio de toda a sociedade. E que essa sociedade tem que estar interligadas para que o desenvolvimento do aluno surdo possa ser de forma prazerosa e eficaz. Os resultados da pesquisa nos mostraram que também há muito a ser feito nesse ensino, tanto no ensino de língua portuguesa para o surdo como L2, mas também no próprio ensino de sua língua natural – a LIBRAS, quando necessário.

Durante o processo de análise da pesquisa, observamos que todos os envolvidos na mesma, exceto o surdo, mostrou um esforço muito grande para que o ensino de língua portuguesa fosse passado da melhor forma para o sujeito em questão. Como também observamos que as estratégias de ensino usadas pelas professoras e pela intérprete foi para que o aluno surdo se sentisse incluído. As atividades de inclusão resultavam numa avaliação mais qualitativa, e o surdo só tinha a ganhar com isso. Todas as formas que foram usadas para transmitir os conteúdos para o sujeito surdo foi para que ele tivesse um ensino-aprendizagem mais eficaz.

Todavia, durante o período de observação em que estivemos nas salas de aula da professora 1 e professora 2 pudemos perceber que o surdo da pesquisa não poderia reproduzir suas respostas por escrito da forma como vimos, por testemunharmos o quão dificultoso era para tal aluno reproduzir na forma escrita seus pensamentos. Assim, deduzimos que as respostas dadas sofreram influência de uma pessoa ouvinte, já que o mesmo não conseguia escrever com fluência em nenhum momento; Provavelmente se trate de um aluno copista (aquele que copia o que está escrito).

Outro ponto fundamental da análise foi a forma como as professoras interligavam LIBRAS ao português tornando assim um ensino mais eficaz e fazendo o aluno um sujeito

ativo da ação. Porque é quase impossível ensinar uma segunda língua sem o domínio de uma primeira língua. É preciso que todos estejam integrados nessa ação de transmitir o ensino de língua portuguesa como L2 para o surdo, porém esses agentes ativos da educação devem dominar a língua natural do surdo, para ensinar o português de forma mais eficiente.

Podemos perceber, infelizmente, que o ensino de língua portuguesa para surdo ainda é escasso. É preciso que haja mais políticas públicas nessa área, pois o surdo necessita do português na modalidade escrita, visto que é através dessa modalidade que ele ler tudo que está ao seu redor e também se expressa - usando os códigos linguísticos. O que notamos é que há um grande esforço por parte da escola e da família em querer ajudar o sujeito surdo, todavia, o que também notamos que há poucos investimentos na educação do ensino de L2, principalmente para as pessoas surdas. É dever do Estado dar um ensino de qualidade à população, e isso inclui o sujeito surdo.

Conseguimos alcançar os objetivos propostos da pesquisa que tinha como finalidade analisar o ensino de língua portuguesa como L2 para alunos surdos no ensino fundamental das séries iniciais. Examinar também o ensino na modalidade escrita, pois o uso do português como segunda língua para o surdo ocorre mais na efetivação da língua portuguesa como escrita.

O ensino de língua é a melhor forma de empoderar o surdo, pois o mesmo é sujeito ativo da sociedade, portanto o surdo precisa saber não somente a sua língua natural, mas também a segunda língua do país na modalidade escrita em que ele está inserido, é preciso que o surdo se sinta incluído nessa sociedade – e a escola é um dos melhores meios para isso.

Vale lembrar que, somos todos sujeitos de uma língua, mas que isso não nos impeça de aprender novas culturas, novas línguas, justamente quando se está inserido em um país que tem mais de uma língua oficial, para os surdos na modalidade escrita. Para os ouvintes a língua portuguesa é a única oficial, tanto na modalidade escrita como na oral.

É preciso que possamos entrar nesse novo universo que nos rodeia e permitir que outros nos conheçam. E quando ambos se permitem, logo sabemos que todos aprenderemos, porque toda troca de conhecimento é válida. Então é preciso que as pessoas das várias comunidades linguísticas se permitam trocar experiências e delas fazer novos aprendizados. Que possam usar e abusar das línguas. Que o ouvinte ensine o português ao surdo e o surdo ensine a LIBRAS ao ouvinte, e que essas duas culturas se entrelacem e

passem a fazer parte da mesma esfera linguística, onde os falantes farão com que a língua não morra, nem a LIBRAS e nem o português.

Uma língua se faz praticando. Uma língua só se torna viva quando os sujeitos ali inseridos fazem com que ela seja propagada. E esses sujeitos são a força dessa língua, pois é através deles que uma língua permanece em atividade, permanece em uso e assim, viva e eficaz.



## REFERÊNCIAS

- AUDIUM. Conheça quais são os níveis de perda auditiva. **Audium – Audição é a nossa paixão**. 12 dez. 2017. Disponível em: <https://blog.audiumbrasil.com.br/niveis-de-perda-auditiva/>. Acesso em: 2 set. 2019.
- BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Libras - Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm). Acesso em: 3 mai. 2019.
- CAVALCANTI, W. M. A. Aspectos sócio-histórico, lingüísticos e culturais da surdez. In: FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B. **Libras**. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.
- ESCRITA DE SINAIS. **Alfabeto Manual**. 07 set. 2010, 1 figura. Disponível em: <https://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/07/alfabeto-manual-ou-datilologia/>. Acesso em: 3 set. 2019.
- FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FILHO, M. A. **Iconografia de Flausino**. 7 ago. 2011. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/agosto2011/ju500\\_pag3.php](https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2011/ju500_pag3.php). Acesso em: 3 set. 2019.
- PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4º ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- MARQUES, R. R.; OLIVEIRA, J. S. O fenômeno de Ser Intérprete. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R., **Estudos Surdos IV** (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, R. M.; SCHIMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília, MEC, SEESP, 2006.
- QUADROS, R. M. Didática da LIBRAS. In: FARIA, E. M. B.; ASSIS, M. C. (Orgs.). **Língua portuguesa e libras: teorias e práticas**. Vol 5. – João Pessoa: Editora UFPB, 2012.
- RÉ, A. D *et al.* **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. – São Paulo: Contexto, 2006.
- SALLES, H. M. M. L; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L; RAMOS, A. A. L. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol 1. Secretaria de Educação Especial. - Brasília: MEC, SEESP, 2004. 2 v. – (Programa de Apoio à Educação dos Surdos)

SILVA, M. P.; SOUZA, N. S., Fundamentos sócio-histórico da educação. *In*: FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B. (Orgs.). **Língua portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas**. Vol 2. – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. Justaposições: o primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz. **Revista brasileira de educação especial**. [online]. 2012, Vol. 18, n. 4, pp. 569 – 586. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382012000400003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000400003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 22 abr. 2019.

STRÖBEL, K. L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. *In*: QUADROS, R. M.; PERLIN, G (Orgs.). **Estudo surdos II**. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

TEYSSIER, P. **Histórias da língua portuguesa**. 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## APÊNDICES

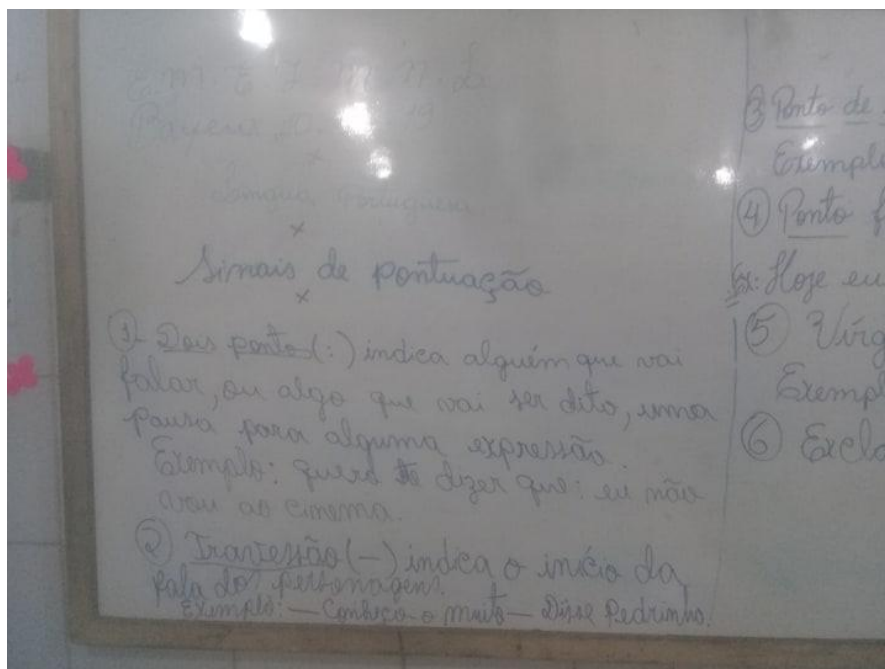


Foto 1 – Atividade escrita no quadro branco

Fonte: Própria (2019)

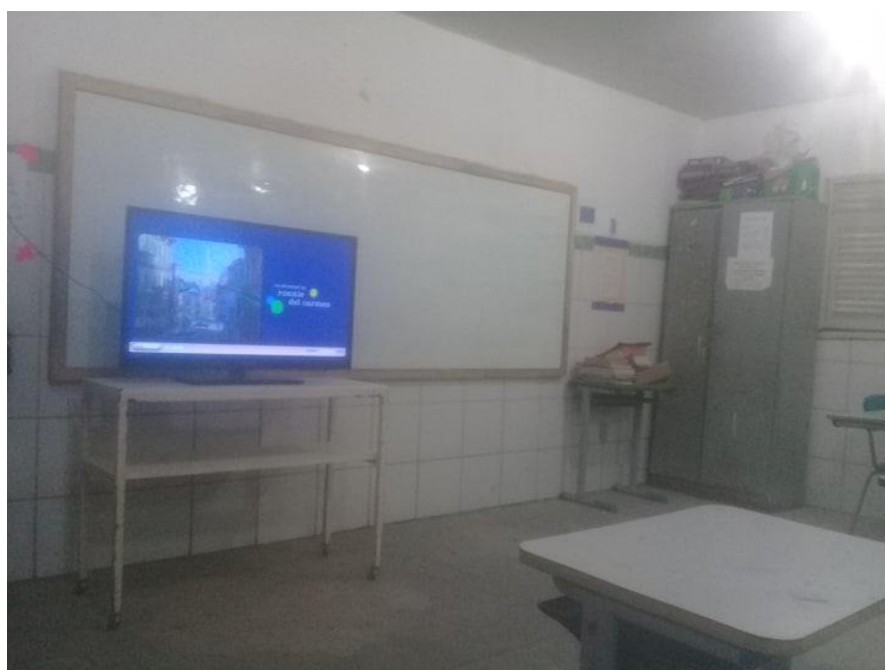


Foto 2 – Atividade de vídeo

Fonte: Própria (2019)

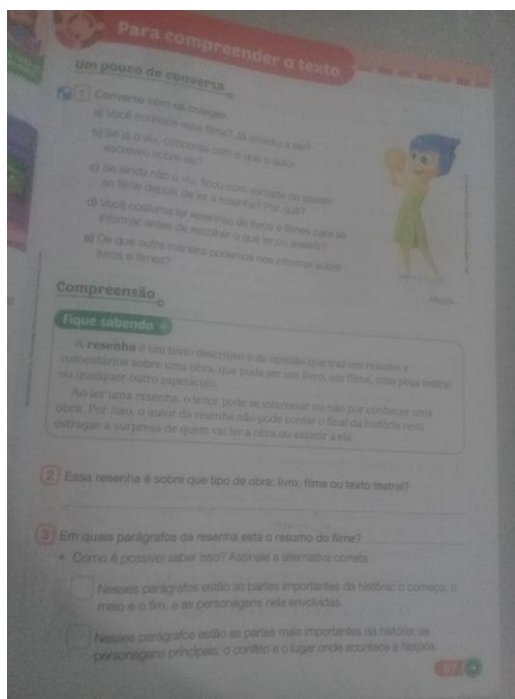


Foto 3 – Atividade no livro

Fonte: Própria (2019)



Foto 4 – Atividade em LIBRAS

Fonte: Própria (2019)



Foto 5 – Livro do Alfabeto Manual

Fonte: Própria (2019)



Foto 6 – Atividade com gravuras

Fonte: Própria (2019)

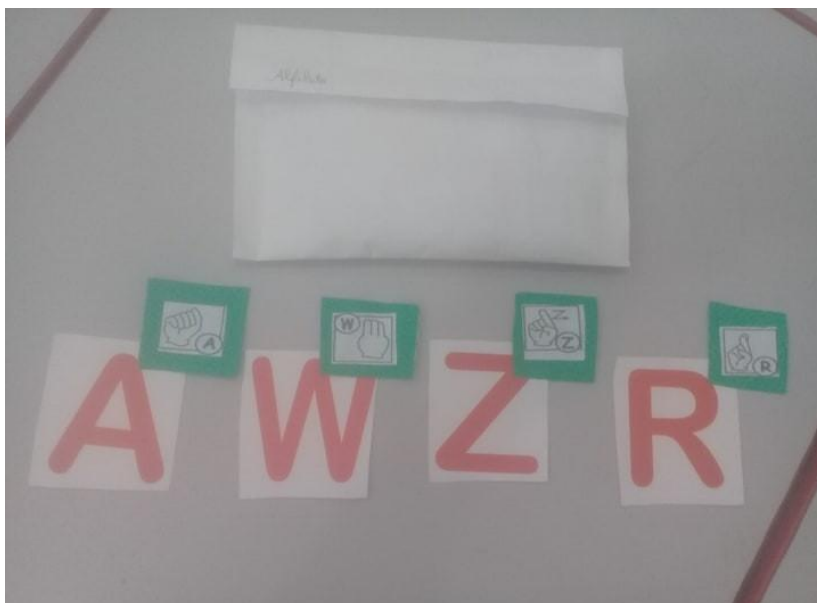


Foto 7 – jogo da Memória: Alfabeto Manual

Fonte: Própria (2019)



Foto 8 – Jogo da Memória: objeto escolar

Fonte: Própria (2019)

FORMAÇÃO: Superior (Educação Ar-  
tística)

FUNÇÃO: Professora.

1) Você sabe língua de sinais?

Um pouco.

2) Você se sente preparada para trabalhar com alunos surdos?

Não.

3) Como se dá o ensino de português para surdo na modalidade escrita?

Normal já que é inclusão  
Existe uma intérprete.

4) Que tipo de recursos visuais são utilizados para essa aprendizagem?

Cartazes, vídeos, quadros, dra-  
matizações, cânticos, práticas, ativida-  
des planejadas e sala de recurso.

5) Como você diferencia a aprendizagem de alunos ouvintes e do (s) aluno (s) surdo (s) na disciplina de português?

Uma vez que o aluno tem  
uma intérprete, ele visualiza  
o código (gesto) e seu ensino normal.

6) A seu ver, qual (quais) pontos positivo (s) você vê na aprendizagem de língua portuguesa por parte do (s) surdo (s)?

Ponto positivo é que o aluno  
aprende as duas línguas ao  
mesmo tempo incluindo normal-  
mente e interagindo com outras cri-  
anças.

Foto: Questionário aplicado à Professora 1

Fonte: Própria (2019)



7) Como você se comunica com os alunos surdos que tem em sua sala de aula?

*Ele tem uma intérprete, que o auxilia e eu falo muito pouco, porque ele escuta. ~~ele~~ tem aparelho.*

8) Na sua avaliação pessoal, seu aluno surdo consegue acompanhar os conteúdos ensinados?

☒ Sim ( ) Não ( ) Às vezes

9) Você faz atividades e avaliações diferenciadas para seu aluno surdo e seus alunos ouvintes?

☒ Sim ( ) Não ( ) Às vezes

10) Caso as atividades sejam diferenciadas, o que é feito de diferente?

*Atividades xerocadas com as letras do alfabeto em libras e transmitida através de gestos.*

Foto: Continuação do Questionário aplicado à Professora 1

Fonte: Própria (2019)



**FORMAÇÃO:** Pedagoga - área de aprofundamento em Educação Inclusiva.

**FUNÇÃO:** Professora da SRM

1) Qual o seu nível com a língua de sinais? Estou concluindo LIBRAS II no CRIS de Bayeux, e no curso de Extensão de LIBRAS II na UFPB.

2) Qual metodologia você usa para melhorar o ensino de português que o aluno surdo tem na sala regular? Na SRM, trabalha o português e a LIBRAS juntos no processo de alfabetização e letramento do aluno.

3) Quais dificuldades você encontra na hora de mediar esses conteúdos?

SRM não trabalha com conteúdos, porém todos os conteúdos a serem passados para o aluno tem que ser realizados com base em uma língua possível, no caso dele a LIBRAS, para que o esperado encontro dos dois línguas...

4) Quais sugestões você daria para a melhoria do ensino de português para surdo?

Necessitamos de uma fonoaudióloga, já que é desejo do seu responsável que o aluno oralize

5) Quais resultados você tem a contar sobre a evolução do surdo nessa mesma disciplina do início do ano até agora?

Estamos em processo, porém ao meu ponto de vista, o aluno tem evoluído em aprendizagem.

6) Que tipo de recursos visuais são utilizados para essa aprendizagem?

- Atividades adaptadas
- Figuras
- Impressões
- Jogos pedagógicos e etc...

Foto: Questionário aplicado à Professora 2

Fonte: Própria (2019)

7) A seu ver, qual (quais) pontos positivo (s) você vê na aprendizagem de língua portuguesa por parte do (s) surdo (s)?

É um direito do aluno a aprendizagem do português, uma vez que os meios e informações do mundo em que vivemos historicamente são efetivados em grande parte, por registro escrito... sem o português seria como negar esses conhecimentos ao aluno.

8) Com suas palavras, comente um pouco sobre a eficácia desse ensino de português para surdo na sala de recursos.

A eficácia do meu trabalho é de fazer valer o que está determinado por lei como direito de todos os surdos... permitindo abrir um leque de novos conhecimentos.

③ seja usado com fim de nortear essa aprendizagem, lembrando que os imagens são bastante importantes para esse processo.

Foto: Continuação do Questionário aplicado à Professora 2

Fonte: Própria (2019)



**FORMAÇÃO:** Cursos básicos de Libras na Funad, Centro de Referência, Primeira Igreja Batista, Ecapiro, Senai, Extensão em Libras, formação de Intérprete Funad e Curso Superior em Letras Libras.

**FUNÇÃO:** Intérprete de Libras

1) Qual metodologia você usa para mediar os conteúdos (português)?

uso classificador e às vezes desenho para o aluno entender melhor o conteúdo transmitido em sala de aula pelo professor.

2) Quais dificuldades você encontra na hora de mediar esses conteúdos?

A falta de recursos visuais e uma metodologia adaptada para o aluno.

3) Quais sugestões você daria para a melhoria do ensino de português para surdo?

Justamente o que foi falado na resposta do item anterior o uso de recursos visuais na hora de ler textos e uma metodologia diferenciada para o aluno surdo no caso.

4) Quais resultados você tem a contar sobre a evolução do surdo nessa mesma disciplina do início do ano até agora?

Em sala de aula regular não vejo muita mudança, apesar dele ser incluído em atividades participativas, só a presença do intérprete não é 100% eficaz sem a metodologia adequada, mas na sala de recurso o aluno se desenvolve muito desde o início do ano.

5) Você como intérprete, como você passa o português para surdo na modalidade escrita?

Através da datilografia e às vezes ele diz a resposta oralmente e construa em língua Portuguesa e ele reproduz o que copio. A escrita individual ainda está sendo trabalhada, pois até então em outras séries só copiava o que lhe era pedido por meio de quadro e livro e não fazia por conta própria...

Foto: Questionário aplicado à Intérprete 1

Fonte: Própria (2019)

SÉRIE: 4º TURNO: manhã

1) Desde quando você usa a LIBRAS?

Desde 2018

2) O que a LIBRAS significa para você?

Ela é um suporte, quando eu não entendi o português.

3) Quais dificuldades você tem na aprendizagem de língua portuguesa?

o foneма, na parte da leitura que fico com dificuldades em falar, ler.

4) Quais materiais de apoio você teve (tem) na sua aprendizagem de língua portuguesa?

Na inclusão são, leitura, Conhecer o alfabeto com junções de sílabas Pequenas, médias e grandes.

5) Para você, como se daria, de forma melhor, o uso de língua portuguesa?

não ter tantas regras.

6) Quais pontos positivos você tem a nos dizer com a metodologia desse (a) professor

(a):

Professor (a) na sala regular:

me ajuda na disciplina.

Professor (a) na sala de recursos:

na minha dificuldade que peca não ter mais dicas para uma aprendizagem mais rápida já que estou

7) Que tecnologia você usa hoje para aprimorar o português na modalidade escrita?

não uso tecnologia nesse sentido.

Foto: Questionário aplicado ao aluno Surdo 1

Fonte: Própria (2019)

## ANEXOS



Figura: Alfabeto Manual

Fonte: (<https://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/07/alfabeto-manual-ou-datilologia/>)

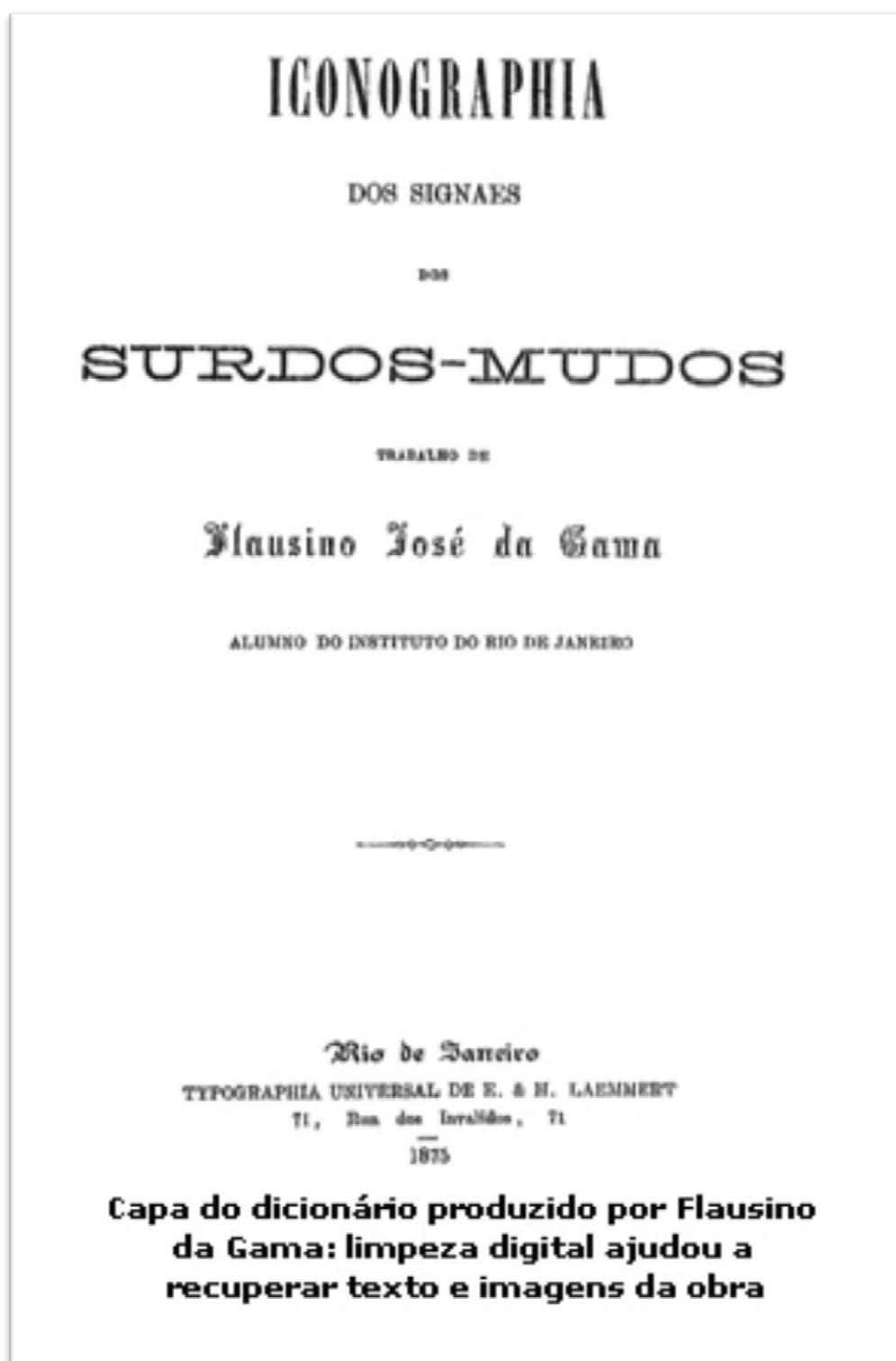


Figura: Iconografia de Flausino

Fonte: ([https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/agosto2011/ju500\\_pag3.php](https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2011/ju500_pag3.php)

)

Lei de Libras

**LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.**

**Regulamento**

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Paulo Renato Souza

Fonte: ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm))